

JOB

TRADUZIDO KM VERSO POR

Jose Eloy Ottoni

DEDICADO

AO Excelentissimo e Reverendissimo SENHOR

D. Manoel Joaquim da Silveira

Bispo do Maranhão

E PRECEDIDO

PRIMEIRO— D'UM DISCURSO SOBRE A POESIA EM GERAL

E EM PARTICULAR NO BRASIL

PELO CONEGO J. C. FERNANDES PINHEIRO

SEGUNDO — D'UMA NOTICIA SOBRE A VIDA E POESIAS DO TRADUCTOR PELO
SENHOR TEOPHILO BENEDICTO OTTONI

TERCEIRO — D'UM PREFACIO EXTRAHIDO DA VERSÃO DA BIBLIA
POR DE GENOUDE.



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE F. MANOEL FERREIRA

Rua do Sabão n. 114

1852

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Um varão, que na terra d'Hus havia Por
nome Jó, do mal se retirava, Simples e
reto, porque a Deus temia.

Jó,1

CAPÍTULO I

Um varão, que na terra d'Hus havia Por nome Jó, do mal se retirava, Simples, e reto, porque a Deus temia. A prole eram dez filhos, que ele amava;¹ De ovelhas sete mil, três mil camelos, Quinhentas juntas só de bois contava. De jumentos em número singelos Igual soma, contando as mães somente, Como qu'enchia os paternais desvelos. Era o varão mais rico do Oriente Em gados, e em família. Ao pai compete Regular de seus filhos o presente. Em recíproco amor os varões sete, Cada qual em seu dia convidava A suas três irmãs a ura só banquete; Porém Jó por seu turno madrugava, Oblações e holocaustos of recendo, Depois que os filhos seus purificava. Assim, por cada um deles discorrendo Dentro em seus corações, talvez dizia: Ante Deus serão réus de crime horrendo. Esta oração jamais se interrompia. Velavam juntos do Imortal Cordeiro, Os anjos, eis Satã assoma um dia. Donde vens? Perguntou-lhe o verdadeiro

1. Para escusar a repetição, basta que lidos os dez versos seguintes se conheça que os filhos de Jó foram sete moços e três meninas.

Deus e Senhor. Diz ele: Em giro a terra Volteando
passei o mundo inteiro,
- Viste o meu servo Jó? Varão, qu 'encerra
Em si temor de Deus? Responde, fala;
Que as sementes do mal de si desterra,
Tão reto, e simples, que ninguém o iguala?
Torna Satã: Debalde o temor santo
Desprende a força, que o teu servo abala?
Não o abençoas, e difundes tanto
As obras, que ele faz, os bens, a casa, Que tudo
cresce com geral espanto? Estende um pouco a
mão, reprime, atrasa Os bens, que ele possui, verás
ao menos Como em blasfêmias o teu Jó se abrasa.
Diz-lhe o Senhor: A um só de teus acenos Tombe
quanto o meu Jó possui, exceto Do justo o coração
e o olhar serenos. Partiu, Satã. Risonho, e
circunspecto Dos filhos o mais velho à mesa estava
Unido a seus irmãos em doce afeto. Mensageiro,
que súbito chegava,
— Cessou, eis disse a Jó, o amanho à terra,
Que o rude camponês c'os bois lavrava.
Nem jumenta, nem touro, orneja, e berra,
Absorve o roubo, o que escapou da espada,
De repente os Sabeus nos fazem guerra.
Tudo a ruína envolveu, tornou-se em nada
A Lavoura, e Domésticos; apenas
Eu, que à morte escapei, fugindo à estrada, Venho dar-te
esta nova. — Oh! dor! E ordenas Que o teu raio,
Senhor, no Céu ribombe... Que abra-se, ou dobre do teu
servo as penas?

Mas antes que o terror das trevas tombe... Inda aquele falava, (eis outro grita) Que funesta, que lúgubre hecatombe,² Nuvem negra rasgou sulfúrea fita, Que ovelhas consumiu, tragou pastores. Foi sentença do Céu, com fogo escrita. Inda não acabava. Eis salteadores... (Grita um criado, que os Caldeus temendo, Previne a morte, prevenindo horrores.) Lá vão camelos!... Lá se escuta horrendo, Tríplice estrondo, que no chão ressoa... Quadrupedantes esquadrões batendo. Rapina, e morte os corações magoa, Da espada o fio vai cortando a eito... Mas que novo desastre o campo atroa! Rebrama o noto, que traspassa o peito Da banda do deserto (eis outro clama) Que abala os troncos no seu próprio leito. Prestígio lauto de fraterna chama Do mais velho na mesa recendia, Quando o prazer do vinho se derrama: Da casa em torno o furacão bramia Nos quatro cantos, que abalados tremem, Fechando as portas, que o terror abria. Teus filhos choram, porque a ruína temem! Ao baque o eco retumbou ruidoso... Parece ainda que esmagados gemem! Eu somente escapei. — Que doloroso Espetáculo triste, e miserando

2. Assim como S. Jerônimo se serviu da palavra *Cocito*, — do mesmo modo nos servimos também da palavra *Hecatombe*.

Ofrece o Justo em lance perigoso!
Apenas se ergue Jó, no chão tombando
Cede ao peso d'angústia, que o devora;
Os vestidos num êxtase rasgando.
Tosquiada a cabeça inclina, e chora...
Mas o Céu, que não tarda, açode ao Justo,
Os olhos para o Céu volvendo, o adora.
— Do seio maternal se a dor, e o susto
(Clama Jó) me arrojou despido, e pobre,
Em mágoa, e pranto, que eu herdei sem custo;
À madre terra, que os meus órgãos cobre,
Não pretendo baixar. Bendito o Nome
Que abate o rico, o poderoso, e nobre!
Tu me deste, Senhor, fartura, e fome,
O que eu tinha, era teu, serás bendito,
Pobreza, injúria, se te apraz, que assume. —
Em tudo quanto Jó nos deixa escrito,
O Justo, que em seus lábios foi discreto,
Não cometeu sequer um só delito.

CAPÍTULO II

Contra Deus, contra Jó, de novo atenta
O inimigo da Luz, pseudo-profeta,
Que entre os coros dos Anjos se apresenta.
Pergunta-lhe o Senhor: — Não foi completa³
A vitória de Jó? Consideraste
Como é firme a inocência, porque é reta?

3. Omite-se a repetição do que fica dito no Cap 1º por causa d'harmonia. É preciso não enfatiar, para se poder atrair.

— Em vão eu o afligi —: tu me incitaste.
As palavras de Deus Satã repele,
Dizendo: — Tu, Senhor, o excetuaste,
A mão eu pus em tudo, exceto nele; Bem vê, que
os homens por salvar a vida Darão tudo que têm,
pele por pele. Estende agora a mão, deixa que
erguida Toque-lhe a carne, aos ossos não perdoes,
Tu verás a inocência então perdida; Inda espero, que
Jó te amaldiçoe Face a face. — Pois sofra, e não
pereça; Que o teu braço se estenda, e que magoe, Eu
to permito, vai. — Satã se apressa, E a Jó ferindo, o
deixa aberto em chaga Desd'os pés até o alto da
cabeça. Jó no esterco raspando a imunda praga,
Depois que em podridão maligna escorre, Cum
pedaço de telha o corpo afaga. Sua mulher, que o
vê, mas não discorre,
— Perseveras, lhe diz, sem que te rales,
Louvando a mão de Deus? Pois louva, e morre.
Diz-lhe Jó: — Cumpre, ó louca, que te cales;
Se os bens da mão de Deus tu recebeste,
Porque não deves receber os males?
Não pecou. Mal a cólera Celeste Ao longe se
espalhou, não se demoram, Unem-se, indagam, que
infortúnio é este? Os arcanos do Céu de longe
adoram Elifaz de Tema, Baldad de Suas, Naamatita
Sofar vêm vê-lo, e choram... Leprosa escama sôbre
as carnes nuas!... Será ele? — Os amigos
exclamavam,

Concentrando no peito as mágoas suas⁴Nenhum
bálsamo à dor lhe ministravam; O pó sobre a
cabeça ao ar lançando, Os vestidos, que horror!
despedaçavam, Sem dar palavra, tristes
soluçando (Deste mesmo recurso a dor nos
priva) Por terra junto a Jó ficam chorando, Que
cena lutuosa, e sensitiva! Sete dias choraram,
sete noites Porque viam que a dor era excessiva.

CAPÍTULO III

Depois que o eco do desastre soa,
Abrindo a boca Jó, desesperado
Seu próprio nascimento amaldiçoa.
— Pereça o dia (exclama), em que eu fui nado,
Em negro olvido a noite enfim pereça,
Na qual se diz: Que um homem foi gerado.
Tombem trevas, e o dia se escureça;
O Senhor do alto Céu lhe volte o rosto,
Nem permita jamais que se esclareça
Sombras da morte sirvam-lhe d'encosto;
De negra escuridão lhe reverbere
O pranto amargo, o fúnebre desgosto.
Um vórtice da noite se apodere,

4. Se o recíproco — suas — rimado com o nome próprio -Suas
— no 5ª verso antecedente ofende a delicadeza de escrupuloso
metrificante; aí vai para o satisfazer a variante seguinte:

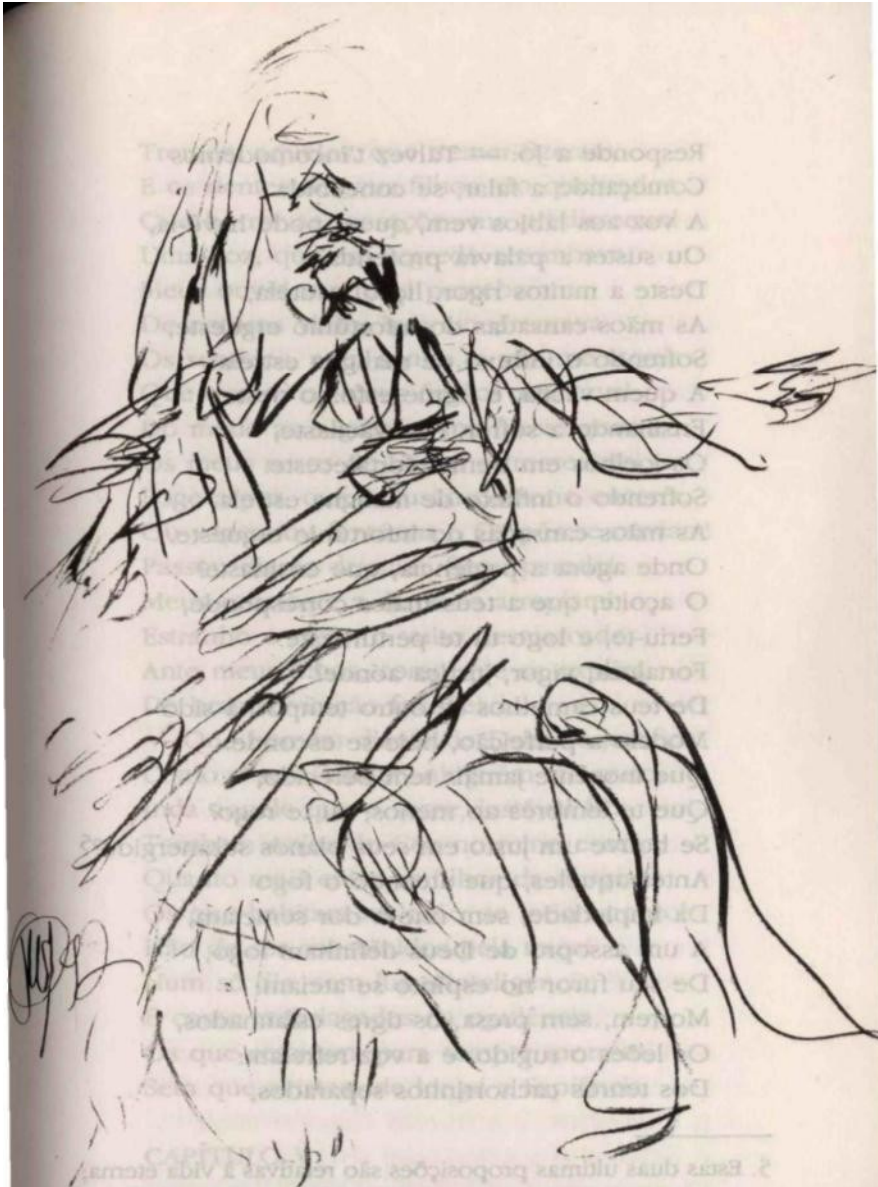
Concentrando o rigor de mágoas cruas.

Entre os meses do ano se confunda,
Nem sequer entre os dias se numere.
Noite de horror! Em solidão profunda,
Por quem maldiz a luz, maldita seja,
De nome indigna, como noite imunda!
Teu manto horrível, que sem cor negreja,
Quem move a Leviatã, deteste, e caia;
E quando espere a luz, a luz não veja,
Noite de tanto horror, que o Céu desmaia!
Ah! tu não vejas por castigo, ou dano,
Se a Aurora aos tristes no horizonte raia;
Pois tirando o meu ser de claustro humano,
Sem prevenir o mal, que ao mundo veio,
Tu me deste na luz horror, engano.
Oh! se eu dormira no materno seio!
Se eu não fora entre os joelhos recebido,
Sem luz, não receava o que eu receio.
Do seio maternal sendo excluído,
Destes males o horror eu não sofrerá,
No silêncio do nada submergido!
Antes ao ver a luz eu perecera!
Junto aos Grandes, e aos Reis eu descançara,
No meu sono talvez inda jazera.
Com quem fabrica solidões me achara,
E aos tesouros dos Príncipes do mundo
Minha débil pobreza se ajuntara;
Ou no ventre, apesar de ser fecundo,
Os órgãos do meu ser se ocultariam,
Dando-me à inércia, como aborto imundo,
A impiedade, e o tumulto cessariam,
No sepulcro a vaidade emudecera,
E os cansados, e fracos dormiriam,

Ali encarcerado não gemera,
Nem a voz do Exator ouvira, quando
Da matéria, e do pó se desprendera.
Vassalo, ou Rei, a todos igualando,
Ali o escravo é livre, a sorte é terra;
Em tudo é igual o rico ao miserando.
A luz oprime o ânimo, que encerra
Amargura, e pobreza; e então convida,
Atrai o dissabor, e o bem desterra.
A um pobre, a um desgraçado concedida,
De que lhe serve a luz? Talvez de agouro;
Aos que esperam a morte é um peso a vida.
Como quem só procura a prata, o ouro,
Um infeliz a morte assim procura,
Cavando a terra, após algum tesouro;
Até que saciado de amargura,
Num transporte de súbita alegria:
Se encontra o bem, é só na sepultura.
Ao viajor, que o rumo não sabia,
Porque Deus só de trevas o cercava,
De que lhe serve a luz, se a luz não via?
Um suspiro o alimento me prepara,
Tenho em gemidos inundado o seio,
E o temor que eu sentia, se declara.
Combina co'a desgraça o meu receio;
Tranqüilo me calei... sofri... Contudo
O opróbrio, a indignação sôbre mim veio.

CAPÍTULO IV

Elifaz de Tema, ouvindo extremos
De mágoa, e dissabor, com voz sentida



Que o teu braço se estenda, e que magoe, Eu
to permito, vai! — Satã se apressa, E a Jó
ferindo, o deixa aberto em chaga...

Jó, n

Responde a Jó: — Talvez t'incomodemos
Começando a falar; se concebida
A voz aos lábios vem, quem pode havê-la,
Ou suster a palavra proferida?
Deste a muitos rigor, lição, cautela,
As mãos cansadas do infortúnio ergueste,
Sofrendo o influxo de maligna estrela.
A quem vacila, e treme esforço deste,
Ensinando a sofrer, não vacilaste,
Os joelhos em tremor fortaleceste.
Sofrendo o influxo de maligna estrela,
As mãos cansadas do infortúnio ergueste.
Onde agora a paciência, que ensinaste?
O açoite, que a teus males corresponde,
Feriu-te, e logo tu te perturbaste.
Fortaleza, vigor, justiça aonde?
De teus caminhos se outro tempo há sido
Modelo a perfeição, hoje se esconde.
Que inocente jamais tem perecido,
Que te lembres ao menos, eu te rogo?
Se houve ura justo em seus planos submergido?⁵
Antes aqueles, que ateando o fogo
Da impiedade, sem tino a dor semeiam,
A um assopro de Deus defínham logo,
De seu furor no espírito se ateiam.
Morrem, sem presa, os tigres esfaimados,
Os leões o rugido, e a voz refreiam:
Dos tenros cachorrinhos separados,

5. Estas duas ultimas proposições são relativas à vida eterna; porque neste mundo a virtude é quase sempre perseguida. (Pereira).

Tremem aqueles, que tremer fizeram, E os dentes de seus filhos são quebrados. Que horror as sensações me predisseram! Uma voz, que em segredo retumbava, Meus ouvidos a furto perceberam. De noturna visão, que amedrontava Os sentidos, num sonho, a voz me aterra. Que tremor os meus órgãos assaltava! Do medo as sugestões me fazem guerra, Os meus ossos de horror estremeciam!... Foge a paz, que a ilusão do sono encena. Ou vapor, ou fantasma... Os pés se ouviam! Passou diante de mim, ficou parado! Meus cabelos e a carne se arrepiam! Estranho o rosto, o vulto desmarcado, Ante meus olhos, como que se explica, De branda viração favoreado! — Que homem diante de Deus se justifica! Como o seu Criador, ninguém tão puro, Inda aquele que o serve, instável fica, Tombam Anjos do Céu no reino escuro; Quanto mais entre os filhos da desgraça Os que habitam no chão de lodo impuro! Hão de ser consumidos pela traça! Num só dia, sem luz d'inteligencia, E como embriagados na opulência, Os que restarem, para sempre morrem, Sem que avistem de longe a Sapiência.

CAPÍTULO V

Chama, escuta... não há, quem te responda;

Vê pois se algum dos Santos te retrata,
Sem que a mão, por fiel, de ti se esconda.
Esvaece a ilusão, como insensata,
A ira ao louco, ao pequenino a inveja,
Pouco a pouco lavrando, esfria, e mata.
O louco eu vi tombar: maldito seja
De profunda raiz o luzimento,
Que, tombando o esplendor, por fim rasteja!
Sem dor, nem salvação, nem livramento
Seus filhos hão de ser aos pés calcados,
Quando a porta lhes negue acolhimento.
Os bens, que ele possui, serão roubados,
Um dia ao louco, as messes, e as devesas
Todos os bens ser-lhe-ão arrebatados.
O faminto co'as mãos em fúria acesas
Há de as messes comer, e o sequioso
Há de beber-lhe o sangue das riquezas.
Não vem da terra o pranto doloroso,
É tudo efeito, que uma causa encerra;
Mas o fim quase sempre é duvidoso.
Batendo o vôo, o pássaro não erra;
A sorte humana foi, que descontente
Vá co' próprio suor cavando a terra.
Por isso é que eu recorro a Deus somente,
Que ele faz de meus dias a esperança,
Porque é grande, insondável, providente.
Sobre a face da terra as águas lança,
Co' a chuva os campos rega, exalta o pobre,
A humildade, e a tristeza alívio alcança;
A amargura, a aflição de bênçãos cobre;
Destroçando a maldade, as mãos lhe prende;
E a crueza dos ímpios deslumbrando,

O projeto e o furor das mãos suspende. Ele faz que às escuras tropeçando, Andem como de noite, ao meio dia, Sem luz, nem tino, as trevas apalpando. Mas aquele, que pobre se avalia, Sem socorro, há de ser livre da espada, Que a língua, por mordaz, da boca envia; E sentindo a esperança recobrada, O pobre há de escapar da mão violenta; Enquanto o mau reprime a voz cansada. Não desprezes a mão, que te alimenta. Feliz! quem ama a correção, que é pura! A palavra de Deus também sustenta. O castigo, que fere, às vezes cura, A mão que o golpe dá, também dá vida. Com seis tribulações teu mal se apura, Quando a sétima vem, sara a ferida. Longe agora o desastre, a peste, a fome, Longe o golpe da espada, ao colo erguida, Nem o açoite da guerra te consome, Nem a língua feroz, que aguça a inveja, No mór perigo te deslumbra o nome. Verás risonho a fera, que esbraveja, Penúria, estrago, horror verás de perto, Como a nuvem, depois que o Céu troveja, Até com as pedras tu farás concerto; Em paz com as feras, sem temor, contente, Um dia hão de viver em campo aberto. Quando toda a família for presente, Hás de achá-la, mau grado os dissabores, Virtuosa, pacífica, inocente. E a prole de teus cândidos amores,

Sem culpa, se fará tão numerosa,
Como estrelas no céu, no campo flores.
Teus netos tecerão festões de rosa,
Que entre os cedros do Líbano frondoso
A entrada enfeitam de Sião formosa.⁶
No sepulcro entrarás, quando abundoso
Teus bens te igualem a um montão de trigo.
Toma tudo em sentido rigoroso;
O que acabas de ouvir, guarda-o contigo,
Depois revolve-o bem no entendimento,
Olha, que é tudo assim como te digo.

CAPÍTULO VI

Oxalá, — disse Jó — que os meus pecados, Objetos d'ira,
e tudo que eu padeço, Fossem como em balança bem
pesados! Ver-se-ia então pender com mais excesso, Que as
areias do mar, tormentos, dores, Verdugo d'alma, da razão
tropeço; Tem os males na voz os condutores. O Senhor
ergue o braço, e me asseteia,

6. Se eu creio facilmente que a virtude há de ser glorificada, que duvida posso eu ter, parafraseando este capítulo, em elevar-me à entrada da Celeste Jerusalém, aonde a Esposa dos Cantores há de receber a Coroa que lhe compete? Foi muitos séculos depois de Jó, que aquelas expressões significaram o entusiasmo santo dos Profetas, mas eu que parafraseio, agora, e que sou conforme com aqueles princípios, nem incorro a tacha de anacronismo, nem excedo os limites da paráfrase.

Combatem contra mim do Céu terrores.
Devoro a indignação, devoro a idéia
De meus males. No monte orneja o bruto,
Muge o boi, quando o pasto lhe escasseia.
Faltando o sal, é insípido o conduto;
Quem bebe, ou come, o que desgosta, e mata?
Eu fugia ao trovão, que agora escuto.
A amargura, se outrora me era ingrata,
Hoje a aflição é todo o meu sustento:
Que ansioso desejo me arrebatou!
Quem me dera, Senhor, que o meu tormento,
Já que origem lhe deste, se acabasse,
Reduzindo-me ao pó, que espalha o vento!
Ou que a meus rogos de furor se armasse
A mão qu'imploro, a mão, de quem o espero,
Como pela raiz me decepasse!
Aflige-me, Senhor, sê mais severo,
Que eu sem opor-me ao Santo por essência,
Que me acabes de dôr, aspiro, e quero;
Eis meus votos, Senhor. Que resistência,
Posso eu ter se não tenho fortaleza!
Nem descobro, a que fim tanta paciência!
Se eu tivera das rochas a dureza,
Se a carne minha em bronze se tornara,
Meu ser não fora mais, do que fraqueza.
Minha própria razão me desampara:
Dos parentes, do próximo, ou do amigo
Há muito que a ilusão me abandonara,
Quem não teme ao senhor, ama o perigo:
Eu vejo a meus irmãos, como a torrente,
Que inunda os vales, denegando abrigo:
Passam longe de mim tão velozmente,

Como as sombras. Se temes a geada, Sobre ti cai a neve
de repente. A vida é num assopro dissipada: Quando
vem o calor, desaparece, Foge a luz da vereda
emaranhada. O que pisa no vácuo, ali perece: As veredas
de Tema avaliando, De Sabá nos caminhos adormece.
Demorai-vos um pouco, meditando... Só porque eu
esperei, se confundiram, Vieram, ficaram, para o chão
olhando... Vendo o meu mal de pejo se cobriram,
Temeram... Que? Disse eu: — Trazei-me, ou dai-me
Dos vossos bens. — Acaso eles ouviram? Do poder do
inimigo libertai-me, Das mãos do Poderoso — Se eu
tropeço, Prosseguindo em meus erros, ilustrai-me;
Vereis, porque sou dócil, que obedeço. Porém vós das
palavras da Verdade Detraís, murmurais, com tanto
excesso, Que me increpais somente por maldade, Vãos
discursos ao vento proferindo, Acusando, sem dor,
minha humildade. Contra um pupilo as armas
esgrimindo, Contra um amigo... oh dor! vos esforçastes;
A obra é vossa. Se me estais ouvindo, Dai-me agora a
atenção, que me negastes, Eu não minto: este mal, que
sofro, e choro, Acabai, uma vez que o começastes. Mas
dizendo, o que é justo, por decoro, Ou vergonha julgai,
se isto é verdade? Respondei sem reserva, eu vos
imploro.

Sem mancha nem labéu d'iniquidade Minha
língua achareis, ilesa a boca De loucura, ou
resquício d'impiedade.

CAPÍTULO VU

Sofrer o embate de contínua guerra,
Passar os dias, como um jornaleiro,
Eis a vida do homem sôbre a terra.
O escravo aspira a sombra o dia inteiro.
Quem sua, aplica os meios trabalhosos
De obter um fim, que é justo e verdadeiro.
Assim eu conto meses ociosos,
Tão vazios, quão cheios de amargura,
Conto noites, e dias dolorosos.
O meu sono... será na sepultura?
Minhas dores cruéis... Bradei chorando,
Crescem c'o a tarde, ou vem co'a noite escura?
Sinto na carne a podridão lavrando,
Árida cútis, escabrosa, e feia
Co'a imundície do pó se vai murchando.
Os meus dias passaram, como a teia,
Mais depressa que a mão, quando é lançada
Por veloz tecelão. Que triste idéia!
A esperança ou é nula, ou foi baldada.
Eu sei que a vida foge, como o vento;
Que os olhos não tornam a ver nada.
O prazer é a ilusão de um só momento;
Se me vês, já não sou de humana raça,
Os homens já não vêem o meu tormento.
Bem como a nuvem, que ligeira passa,
Não sobe aquele, que ao sepulchro desce;

Na própria habitação ninguém o abraça;
O mesmo sítio agora o desconhece;
Nunca mais voltará!... Por isso agora
Que o meu ânimo quase se entorpece,
Desata a língua a voz consoladora
Dos gemidos, dos ais; é na amargura
De minha alma que o pranto se evapora;
Livre, ingênua expressão co'a dor se apura.
Serei um monstro? Um mar, que em ponto estreito,
Nesta prisão, limites me procuras?
Se eu disser: — Tenho alívio no meu leito,
Falando eu me consolo. Hei de assustar-me...
Talvez num sonho, que me oprime o peito,
Espantosas visões virão turbar-me.
Eu quero antes a morte do que a vida:
Já meus ossos procuram desatar-me
Das prisões. A esperança é já perdida.
Perdoa-me, Senhor, quando apareças,
Meu ser caduco ao nada me convida.
Que sou eu? Por que assim tu m'engrandezas?
Teu coração do meu não separaste?
Posso eu crer que tão perto me enobreças?
Logo pela manhã me visitaste;
E negas o perdão, que humilde imploro?
De repente, Senhor, me exp'rimentaste.
Até quando erguerás a mão que adoro?
Nem sequer a saliva é meu sustento?
Os meus crimes, Senhor, confesso, e choro.
Que farei de meus males no aposento?
Ó Deus! Ó Redentor! Ó Pai, e amigo!
O meu ser, o meu nada é sombra, ou vento.
Aonde encontrarei paterno abrigo?

Se o não busco na fonte da Verdade, De Ti mesmo, e de mim sendo inimigo. Porque sofres a minha iniquidade? De meus erros a máscara não tiras? Apaga enfim, Senhor, tanta maldade; Ah! não soltas do teu furor as iras? Eis que eu durmo no pó... Se me buscares Amanhã, já não sou, bem que me firas.

CAPÍTULO VIII

Baldad, que a Jó responde, assim se explica: — Até quando teu louco pensamento, Como espírito vão, se multiplica? Não cessas d'espalhar vozes ao vento: Deus inverte, o que tem determinado? No que é justo vacila um só momento? Teus filhos contra Deus terão pecado; Mas se tu o invocares, muito cedo, O mesmo Deus, que os tinha abandonado, Vendo a limpeza, a retidão, e o medo De teus caminhos, despertando pode Mandar alívio, e paz ao teu degredo: A mão do Onipotente ali te acode. Da mecânica as leis impulso acharam Num ponto, ou eixo, aonde a força rode! De teus fins os princípios discordaram; Quando os nossos maiores consultamos, Nós vemos gerações, que já passaram; O que ontem sucedeu, hoje ignoramos; Entre nós ah! não queiras iludir-te, São como a sombra os dias, que passamos.

Pergunta a nossos pais: se cumpre ouvir-te,
Não cumpre que a memória te deserde,
A expressão de sua alma há de instruir-te.
Ondeia o canavial? Não murcha, e perde
A pompa, se a umidade lhe é mesquinha?
E o junco pode conservar-se verde?
Sem violência, nem ferro, em flor definha.
Assim morre do hipócrita a esperança;
Quem se esquece de Deus, assim caminha.
Murcho, e seco botão de si não lança
Tão árido vapor. De aranha a teia
Faz de hipócrita a base, ou confiança,
Nem sequer ao que é louco lisonjeia;
Quando se firma sôbre a própria casa,
Não pode existir. Mas quando a esteia,
Nem assim se levanta. O Sol, que abrasa
No zênite, a frescura às plantas tolhe,
E o germe tenro, declinando, arrasa;
Mas quando nasce a luz, convém que abrolhe
A fresca planta, que a raiz condensa.
Por mais que a vesga inércia a encubra, ou olhe,
Rompe a casca o pimpolho sem detença,
(Qual noutra reino sai faceta, ou edra,
Que abrilhante dos raios a presença)
Entre penhascos, e montões de pedra
Existe, e cresce; mas se alguém o arranca,
Desconheceu depois porque não medra.
A alegria, que é pura, ingênua, e franca
Faz do germe, que é novo, um puro esmero;
A indústria acolhe o que a preguiça espanca.
O Senhor não rejeita homem sincero,
Desvia a mão do ingrato, e fementido,

Até que o riso ameigue o rosto fero. Quando o teu
coração arrependido Solte dos lábios júbilo, e
prudência, O braço, que te cobre d'impaciência, A
ilusão, e o poder dos ímpios tomba Sem casa nem
louvor nem subsistência.

CAPÍTULO IX

Eis Jó responde: — Que respeito, e susto
Vem dos juízos de Deus! Confesso e sinto,
Que a par de Ti, Senhor, ninguém é justo.
Contigo disputar é um labirinto
De objetos mil, dos quais, um só que seja,
Ninguém conclui, que chegue a ser distinto.
Sábio de coração forte, em peleja,
No seu furor, a quem resiste empece,
Tem os raios na mão, co'os pés tropeja,
Transpõe os montes, quando lhe parece;
Dos que gemem co' peso submergidos
Nenhum sequer o viu, nem o conhece,
Cobre a terra de pranto, e de gemidos,
Quando abalada, manda qu'estremeça
Nas colunas, nos eixos revolvidos.
Ordena ao Sol, que pare e s'escureça;
Tem as estrelas como qu'encerradas
Num ponto, e manda à Luz, que lhe obedeça.
Ele só na extensão do Céu gravadas
Deixou as marcas de um poder seguro,
Na terra, e no Oceano respeitadas.
Das Híades, de Órion, e de Arcturo,
As Estrelas criou do meio-dia;

É grande, e sabio, proviciente, e puro,
Sente-se, o que Ele faz, não se avalia;
Sem número espalhou por toda a parte
Maravilhas que o Céu não conhecia.
Criou a indústria, natureza, e arte.
De seu gesto o esplendor de mim s'esconde,
Quer apareça, quer de mim se aparte.
Quando solta a expressão, quem lhe responde?
Do que Ele faz, que voz no mundo existe,
Que pergunte a razão, que as causas sonde?
Jamais ao seu furor ninguém resiste:
Quando a terra homenagem vem render-lhe,
Curvam-se os ombros, porque a força insiste.
Quem sou eu? Como posso responder-lhe?
Bem que haja em mim vislumbre de justiça
Nem sequer uma instância hei de fazer-lhe.
E ousarei neste lodo de cobiça
Falar ao meu Juiz, sem deprecá-lo,
Que escute a voz da inércia, e da preguiça?
E quando a escute, deverei tentá-lo?
Que homem há, que inda mesmo deprecando,
Não possa Deus num vórtice esmagá-lo?
Da carne a podridão multiplicando
No meu corpo, talvez de mim se arrede,
Os meus lívidos ossos esmagando.
Nem repouso, nem paz Ele concede
Ao meu ânimo, cheio de amargura:
E quem se pode opor, quando Ele impede?
Se n'Ele fortaleza alguém procura,
Robustíssimo o encontra. Hei de humilhar-me,
A seus pés que serei, senão brandura?
A equidade do Juízo há de aterrar-me;

Nem a voz do louvor suspende a pena
Quando eu ouse talvez justificar-me.
Se a inocência co'a mão de longe acena,
Convencido por Ele de malvado,
A minha própria língua me condena.
Por mais simples que eu seja, ou desgraçado,
Dentro em mim eu não sei, se sou sincero,
Sei que um peso na vida me foi dado;
Que a aborreço; e que Deus sempre é severo ;
Não pune ao ímpio só, mas o innocente.
De uma vez descarregue o rigor fero
D'angústia, e d'afflicção. Mas se é somente
Para prova do Justo, eu perguntara:
— Por que razão se ri do que ele sente?
Se a terra às mãos do ímpio se entregara,
Quem, cegando a justiça, a luz encobre?
Quem, senão Deus, co'a mão lhe torce a vara?
Foi mais veloz que a sombra escassa, e pobre
O vapor de meus dias: escaparam,
Como escapa a ilusão de uma alma dobre.
Nunca viram o bem, nem o encontraram:
Foi mais veloz que as águias, quando ao pico
De um rochedo famintas remontaram,
Inda mais que um batei de pomos rico,
Que ao vento em popa as velas vai largando
Se eu disse — Nunca mais assim m'explico —
Ou irei do semblante a cor mudando,
Ou vítima serei do meu tormento,
Sem saber o que fiz, nem como, ou quando.
O meu temor não foi dum só momento;
Eu sabia, Senhor, que não perdoavas
Ao réu, contudo se eu não vivo isento

D'impiedade, Senhor, tu m'enganavas;
Por que em vão trabalhei? Por que não deve
Ser limpo o coração, que ao Justo lavas?
Se as minhas mãos brilhassem mais que a neve,
Tu, Senhor, me cobriras d'impureza;
Sórdido espaço a luz em mim descreve!
De mim mesmo serei sórdida presa.
Não provoco um rival, um semelhante,
Nem o contesto, nem respondo. Ilesa
Entre os dois a questão preponderante,
Nenhum árbitro ali d'ambos julgara,
Sem ficar indeciso, ou vacilante.
Sobre mim carregou! Que tire a vara
Do terror, com que os ímpios amedronta;
Livre então sem temor eu lhe falara.
Inculca medo, o que a expressão desconta;
Quem responde sem medo a luz descobre,
Que apague, ou risque do seu mal a afronta.

CAPÍTULO X

Que tédio dentro n'alma eu tenho à vida!
Soltarei contra mim vozes perenes
Na amargura de uma alma enternecida.
Direi a Deus: Senhor, não me condenes;
Sou réu, Senhor; mas antes de julgar-me,
Primeiro mostra, por que assim o ordenes?
E parece-te bem caluniar-me,
Dando aos ímpios favor? Não foi desenho,
Obra de tuas mãos? Queres pisar-me?
Tens os olhos de carne, como eu tenho?
Teus dias são os dias dos humanos?

Tu proves o perigo, eu me disponho; Eu sou... e acabo; são assim teus anos? Que assim julgues da minha iniquidade! Transgredi teus Decretos Soberanos, Como réu de perjúrio, ou d'impiedade? Tu conheces as mãos, que me prenderam, Que outra mão pode haver, que me degrade? As tuas mãos, Senhor, me compuseram, E meu ser, obra-prima, argamassaram — Desfazes o que as tuas mãos fizeram? Ah! lembra-te, Senhor, que me formaram De pó tuas mãos; ao pó convenha Que se torne o que as mãos organizaram. Não fui eu como leite, que se ordenha? Ou queijo, que se coalha? Que outro, pele, Ou carne tu vestiste, que eu não tenha?⁷ A imagem do teu ser tu pões naquele, Que de ossos, e de nervos compuseste, Quando a luz da razão refulge neles.⁸ A vida, e compaixão me concedeste: Tua presença e guarda em mim respira,

(7)Se Jó neste lugar não fala da encarnação do Verbo, no Cap. 23, verso 3 diz assim: "*Quis mihi tribuat, ut cogrtoscam et invertiam illum, et vertiam, usque ad solium ejus?*" Portanto não é fora de propósito que o A. da paráfrase lance mão da profecia antes de lá chegar.

(8)Convencido filosoficamente da imortalidade d'alma, quem é que pode duvidar que os seus escritos sejam o retrato de sua alma? Tal qual é o A. desta paráfrase, assim mesmo nem se afasta dos princípios que tem, nem prega ao vento. "*Quis potest capere, capiat*".

Como centelha de fulgor celeste.
Quando abafas a luz, ninguém retira
O que escondes no peito; a luz criaste,
Em que parte do todo a luz não gira?
Se eu pequei, logo ali me perdoaste;
És a tudo presente... Ó Deus! permite
Que eu seja puro, enfim tu me lavaste,
E não queres que puro eu me acredite?
Desgraçado de mim! Ou ímpio, ou justo,
A miséria, Senhor, não se remite?
Farto de dores, de aflição, de susto
Eu não ergo a cabeça, e tu me prendes.
É igual ao cedro o pequenino arbusto?
Como a Leoa, assim me surpreendes?
É por soberba, monstro que detestas
De um modo horrível, que de mim te ofendes?
O meu mal contra mim, Senhor, contestas,
Renovas a opressão, que começaste,
Enches d'ira, e de horror, a luz qu'emprestas.
Por que razão, Senhor, tu me tiraste
Do seio maternal? Penas, e dores
Ali mesmo, Senhor, multiplicaste.
Sem ter visto da luz os resplendores,
Oxalá qu'eu houvera perecido!
Não vira o mundo do meu mal as cores.
Fora, como se não houvera sido,
Trasladado do ventre à sepultura.
Para morrer não basta haver nascido?
Que outro espaço é mais breve? Por ventura
Quem acaba do teu perdão não goza?
Deixe qu'eu chore pois minha amargura,
Antes de ver a terra tenebrosa,

Onde reside horror, e escuridade, Onde a morte
domina, onde repousa A miséria, o clamor, a
atrocidade Da desordem, do medo sempiterno, Onde
eu fiquei esperando... a Eternidade.

CAPÍTULO XI.

Naamatita Sofar a Jó responde:
— Não deve muito ouvir, quem muito fala?
É justo aquele que o seu crime esconde?
Somente por te ouvir tudo se cala?
Falando tu, dos mais escarneceste;
Sofram todos, que leves tudo à escala?
Certamente, ó verboso, tu disseste:
Minhas palavras puras até agora,
Como eu sou, ainda vêm a Luz Celeste.
Oxalá que o Senhor contigo fora!
Que abrindo os lábios seus te revelasse,
Aonde oculta a Sapiência mora,
Que os arcanos da Lei descortinasse!
Talvez a teu mau grado conhecesses,
Que por mais que o Senhor te castigasse,
Fora inda menos do que tu mereces.
Compreendes o Norte duvidoso
Dos caminhos de Deus? Tu reconheces
Perfeitamente o Todo poderoso?
É mais alto que o Céu, é mais profundo
Que o inferno, é insondável, majestoso;
Que farás tu, que és fraco, humilde, imundo?
Podes tu conhecer quanto ele encerra?

Em si mesmo Ele é só, não tem segundo,
Tem maior comprimento do que a terra,
Mais largura que o mar; se a imensidade
Se resume, ou destrói, quem lhe faz guerra?
Deus conhece dos homens a vaidade;
E por isso talvez a considera,
Ou avalia a sua iniquidade?
Homem soberbo, e vão, diz que nascera
Tão livre como a fera inda pequena,
Cria d'asno montes, que a concebera.
Tu fizeste inda mais, sem dor, nem pena
De ti mesmo; cruel, endureceste
O próprio coração, que te codena:
Ao Céu e à luz as mãos ousado ergueste.
Lança fora de ti maldade tanta;
Se a injustiça em teu seio recolheste,
É teu o arbítrio agora, as Leis quebranta
D'infiel domicílio, então sem medo
Livre sem mancha o rosto ao Céu levanta.
Da miséria talvez te afronte o dedo;
Como da cheia, que passou fugindo,
Assim te lembrarão de teu degredo.
À tarde sobre ti verás abrindo
O claror de fulgor meridiano;
Nascerás, como a estrela nasce rindo
Ao romper da manhã; se o triste humano
Já no inverno da vida as forças perde,
Em melhor estação rebenta o ano.
A esperança remoça e sempre verde;
Se tu és firme, dormirás seguro,
Sem que a paz e o descanso te deserde.
O semblante feroz, grosseiro, e duro



Por que razão, Senhor, tu me tiraste
Do seio maternal? Penas e dores Ali
mesmo, Senhor, multiplicaste.

Jó, X

Do terror não verás: quantos erguendo
O teu nome, acharão defesa, e muro!
Os olhos do ímpio vão desfalecendo...
No horror, e execração d'alma se afoga,
Sem refúgio a esperança... é um lago horrendo.

CAPÍTULO XII

Jó conclui: — Pois não há nem luz do dia,
Nem homens senão vós? N'um só momento
Morrem convosco luz, sabedoria?
Eu que sou vosso igual no entendimento
Ignoro aquilo que ninguém ignora?
Sirvo à luz de vapor, de palha ao vento?
Dos amigos o escárnio me devora;
Se eu invocar a Deus, Ele há de ouvir-me;
Ele ouve ao simples, quando o simples chora,
Assim a Luz do Céu há de acudir-me.
Bem que seja dos ricos desprezado,
Como a lâmpada o justo é sempre firme,
Para o tempo vindouro aparelhado.
Se abunda o ímpio, se ladrões dominam;
Se o nome do Senhor é provocado,
Quando a favor do réu as mãos s'inclinam,
Ouve as aves do Céu, que estão cantando,
Pergunta aos animais, eles te ensinam.
A terra o fruto, as flores espalhando,
Não t'instrui, inda mesmo o peixe mudo?
Tu não ouves, que o mar t'está bradando?
Ignoras que foi Deus o Autor de tudo?
Que abre ou fecha dos entes a cadeia,
Espírito da Luz, da carne escudo?

Talvez quem ouve o som, quem saboreia
O manjar não decide? A Sapiência
De cãs ornada aos moços patenteia
Que o velho cinge o loiro da prudência;
Que na voz do conselho um Deus s'explica,
Que é reto, e sábio, e forte por essência.
Se o mundo Ele destrói, quem o edifica?
Se ele obstasse ao homem, quando peca,
Tolhida a ação, quem é que a reivindica?
Sem orvalho nem chuva o prado seca;
Tudo se alaga, quando a terra esfria;
Semente ou fruta sem calor é peca.
Tem fortaleza, tem sabedoria,
Conhece a quem não mente, e por que é reto,
Pune a fraude d'aquela que mentia.
Torna o conselho estúpido, indiscreto;
Desata o boldrié dos reis, que enganam,
E uma corda enxovalha o régio aspecto.
Ilude, abate, as mãos, que as Leis profanam:
Sem glória os Sacerdotes, sem verdade
Os Grandes, nem valor, nem paz dimanam.
Muda os sons de quem foge a falsidade;
Ora afasta dos velhos a doutrina,
Ora ilustra o vigor da mocidade.
Derrama o ódio sobre quem domina;
Exalta o pobre, os Príncipes despreza;
E a quem geme oprimido Ele s'inclina,
Releva-o, dá-lhe a mão. Sente a fraqueza
De quem não viu a Luz; e o réu, que a oprime,
Rasgando, enche de horror a natureza.
Multiplica as Nações, destrói, reprime,
Depois as leva ao seu primeiro estado.

Muda o semblante de quem ama o crime;
Mas ao Chefe de um povo, que é enganado,
Muda-lhe o coração, desvia-o dando,
Ao través da razão, co' passo errado,
Ou como a embriaguês desatinando.
Príncipe inerte, fraco, irresoluto,
Ou treme, ou tomba, em trevas tropeçando.

CAPÍTULO XIII

Meus olhos vão de acordo c'os ouvidos, E os objetos,
que exponho, aplico, ou lanço, Foram por mim assaz
compreendidos. Quanto vós alcançardes, tudo
alcanço: Sem consultar ao Todo Poderoso, Bem que
sou vosso igual, eu não descanso. Qualquer de vós
contudo é um mentiroso, Isto quero eu dizer-lhe, e se
o negásseis, Ficaria o conceito duvidoso? Oxalá que
vós outros vos calásseis! Talvez co'a língua, e
músculos, e artelhos Esses dogmas perversos
comprovásseis. Quando fora melhor passar por
velhos, E sábios, sem falar! Meu juízo é êste: Ouvi
pois de meus lábios os conselhos. O senhor necessita,
ou se reveste Da expressão maculosa da mentira?
Quer que em sua defesa o dolo ateste? Encarais o
semblante, onde respira Verdade, e amor, e o fraco
esforço humano Sentencia a favor de um Deus em
ira? Pois Deus, que tudo vê, não vê o engano? Assim
julgais da Mão, que o mar serena?

Isto apraz a quem obra ingênuo, e lhano?
Pois sabeis que ele mesmo vos condena,
Porque vós o encarais dessimulados:
Em seu rosto achareis terror, e pena:
Só de o ver que se move, perturbados
Por terra caireis. Talvez de todo
De vosso juízo ficareis privados.
Ou ao menos vereis de certo modo
Reduzida a memória a cinza inerte,
Vossas cabeças reduzir-se a lodo.
Calai-vos por um pouco, antes que aperte,
Ou inste a Luz, direi com voz sentida
Tudo quanto o meu ânimo desperte.
Por que razão, a cor já denegrida,
Minhas carnes co's dentes dilacero?
Por que nas minhas mãos eu ponho a vida?
Ainda que me rale, eu n'Ele espero;
Tudo aquilo que em mim princípio teve,
Diante d'Ele acusando-me, pondero...
Eis o meu Senhor... Ninguém se atreve,
Nem o hipócrita, ver-lhe o rosto, ou lado:
Ouvi pois meus enigmas, eu sou breve.
Sei que justo hei de ser por ele achado,
Quando em juízo apareça. Se há quem venha
Comigo a juízo, venha ser julgado:
O meu silêncio em Juízo me despenha.
Duas cousas ao menos eu queria,
O teu braço de mim longe as detenha;
Do meu nada o terror, e a mão desvia,
Não me consternes; eu jamais m'escondo
Da face tua, nem da luz do dia.
Chama por mim, Senhor eu te respondo,

Tu, responde, eu te falo. Enfim descobre Da minha iniquidade o peso, e estrondo; Mostra-me o jugo, que os tormentos dobre Da minha alma, rasgando como amigo Este véu, que a maldade oculta, e cobre. Por que me julgas tu teu inimigo, E te escondes de mim? Se me afugentas, Aonde poderei achar abrigo? Contra uma folha o teu poder ostentas? E não basta, Senhor, que o vento leve A palha seca? Persegui-la intentas? Tua mão contra mim sem mágoa escreve Amarguras e horror, lembrando o estado Da minha adolescência torpe, e breve. Consumido me tens, e encadeado Como em cepo, os vestígios observando De meus pés, tudo tens considerado. Eu sei a podridão em mim lavrando, Como a traça na roupa — ao nada! — grita. Aos desertos do nada eu vou marchando.

CAPÍTULO XIV

Um ser que é fraço, da mulher nascido, De um lago de misérias surge, e desce Ao túmulo, onde é logo consumido. É como a flor, que efêmera aparece, Ou qual a sombra vã. Desde menino Jamais no mesmo estado permanece. E sendo o homem tal, que o julgas digno De abrir sobre ele os olhos, e julgá-lo?

Quem é que torna puro, e cristallino,
O qu'impuro nasceu? Ou qu'intervalo
Pode haver entre o gérmen e a semente?
Quem, se não Tu, Senhor, pode expiá-lo?
Sem mancha, puro, ó Deus, és Tu somente.
De seus dias a marcha é curta, e breve,
O espaço que ele vive, te é presente,
Tu lhe marcas co'a mão, que o circunscreve,
Os limites do termo derradeiro,
Do qual nem ele avança, nem se atreve.
Dá-lhe agora descanso verdadeiro,
Até que chegue o dia desejado;
Retira um pouco a mão do jornaleiro.
O tronco espera, e vive, se é cortado,
Outra vez, quando brota, reverdece,
Cada ramo é de folhas renovado.
Se no chão, a raiz, ou se envelhece,
Ou vê que o tronco seco se desfolha,
Só co'a esperança d'água a copa cresce,
Apenas leve humor as plantas molha.
Mas o homem quando em pó se vai tornando,
Onde existe? Quem há, qu'inda o recolha?
Como as águas do mar, que s'esgotando,
Ou do rio a torrente secaria;
Assim também é o homem, forcejando
Por erguer-se do sono, em que jazia,
Não se erguera jamais, nem despertara
Menos que o Céu tombando acabe o dia.
Quem me dera, Senhor, que m'encerrara
No sepulcro o teu braço, e m'escondesse!
Até que o teu furor além passara
Do tempo, em que no olvido inda eu jazesse.

Não sabes Tu, que o homem ressuscita? Quantos dias em guerra, se eu vivesse, Como vivo inda agora, quem milita, De longe encara a imutação, qu'espera, Não falha a gloria que n'um ponto é fita. Se me chamaras, eu te respondera: Estende as mãos à obra, que acabaste, Só porque é tua assim t'o merecera. Os meus passos ou crimes Tu contaste; Perdoa-me, Senhor; tua voz ouvindo, Cura-se o mal, e a dor, que Tu selaste. Monte elevado se destrói, caindo; A rocha se transpõe; e as águas cavam As pedras, pouco a pouco consumindo. No horror de aluviões, que a terra lavam, Tudo enfim se consome. Deste modo Ou as leis do Universo se acabavam, Ou aquele, que é forte, mas é lodo, Acaba e para sempre. Assim mudadas A cor, e o gesto, se lhe muda o todo. Quando veja seus filhos exaltados, Ou abatidos, ele os desconhece. Contudo a carne e os membros animados Vão resistindo à dor, que ele padece; No fundo d'alma geme sem conforto. Chora sobre si mesmo, e destalece.

CAPÍTULO XV

Elifaz lhe pergunta: — O Sábio atento, Quando responde, aquilo, que mereces, Enche o peito de ardor, falando ao vento?

Argúis aquele que tu não conheces,
Com palavras, o insultas, e não tremes?
Não sabes que a ti mesmo ousado empeces?
Não recorres a Deus, porque o não temes.
Tua iníqua ilusão quis doutrinar-te,
Pondo em teus lábios fel com que blasfemes;
Pois os teus lábios hão de condenar-te.
Senão, responde: — Acaso tu naceste
Mais velho do que Adão? Coube-te em parte
O conselho de Deus, ou tu te ergueste
Inda antes dos Outeiros? O Arquiteto
Da Luz existe? Ou tu lhe precedeste?
Por que razão te julgas mais discreto
Do que nós? Tens acaso outros conselhos?
Ou tu somente sabes o que é reto?
Respeita a tradição, dobra os joelhos,
Nós temos anciões, também antigos,
Talvez que vossos Pais inda mais velhos.
O Senhor não consola os seus amigos?
Depravado na língua, não mereces
Que o seu poder te afaste dos perigos.
Por que em teu coração fensoberbeces?
Como de objetos grandes decidindo,
Fitas os olhos, pasmas, esmoreces.
Contra Deus o teu ânimo fingindo,
Como o provocas, de ti mesmo inchado,
Tão estranhos discursos proferindo?
Quem és tu, para ser imaculado?
Ou justo ao menos? Pois merece tanto
No seio da mulher quem foi gerado?
Imutável no Céu não houve um Santo,
Na presença de Deus ninguém é puro:

Quanto mais quem nasceu d'inútil pranto!
Quem num lago execrando, horrendo, escuro
Bebeu em largo sorvo a iniquidade!
Se tu queres ouvir-me, eu te asseguro,
Que eu exponho, o que sei, porque é verdade;
Quanto os Sábios publicam, te revelo;
De seus pais o aprenderam. Por herdade
A terra lhes passou com tal desvelo,
Que deles excluiu qualquer estranho;
Guarda o ímpio na mão do orgulho o selo,
De seus dias na terra eis todo o amanhã;
De sua tirania o tempo é incerto,
Ele faz da ilusão partilha, e ganho.
Do estampido de horror anda bem perto;
Devendo, ainda em paz quer ocultar-se,
Teme que o lancem de traições no aperto.
Crê que não pode para a luz voltar-se
Das trevas, vendo a espada em movimento,
Que o cerca, e busca, teme traspasar-se.
Quando cuida encontrar no pão sustento,
Vê que o dia de trevas rodeado
Nas próprias mãos lhe aviva o seu tormento.
No seio do terror atribulado
Vacila, e treme... ao passo duvidoso
De um grande, para a guerra aparelhado.
Voltou-se contra Deus; enfim vaidoso
Pretendeu, sendo fraco, e presumido,
Ser forte contra o Todo Poderoso.
Correu buscando-o c'o pescoço erguido;
D'inflexível soberba o rosto armando,
Co véu da crassidão geme escondido.
Das ilhargas a enxúndia pendurando,

Em cidades desertas habitando.
Onde os bens, e o tesouro, que ele encerra?
Pode o ramo, se o tronco é derribado,
Ir lançando raízes pela terra?
Geme o ímpio nas trevas sepultado,
Cresta-lhe o tronco a chama, e de repente
A um assopro de Deus é arrebatado.
Iludido não crê que facilmente
Possa ainda, por preço algum, remir-se,
De ver os dias seus, como a torrente
Prematura secar, ou ver cobrir-se
De árida pele as mãos, que por ousadas
Não procuram ao dolo subtrair-se.
Como a vinha inda em flor serão cortadas,
Ou como as oliveiras, que esmorecem,
Vendo as flores que têm no chão pisadas.
Os tesouros do hipócrita esvaecem;
Quem aceita, e não dá, nutre a vaidade;
Mas vê, nos lares seus, que as chamas crescem.
Insensível c'o gelo da impiedade,
O coração não dobra de fraqueza:
Concebe a dor, e pare a iniquidade.

CAPÍTULO XVI

Mas Jó responde: — Em vez de consolar-me, Repetis o que eu sei; talvez eu deva Não ouvir, a quem busca importunar-me. Dizer palavras vãs ninguém se atreva; Como vós, eu também falar podia. É inútil, expressões que o vento leva. Se eu tivesse a vossa alma, eu sentiria

De vós, como discorro; e quando erguera
Os olhos, vosso mal consolaria.
Em vez d'importunar, fortalecera.
E movendo os meus lábios, como amigo
Perdoara, tudo em vós compadecera.
Mas que farei? Falando eu não mitigo
A dor, que me atormenta; não falando,
Exalta-se, embravece a dor comigo.
Eis agora me aperta... arrebatando
Os meus ossos ao nada. Quero erguer-me...
Mas a face rugosa, confirmando
O mesmo contra mim... sinto abater-me.
A calúnia veloz, que tudo alcança.
Na própria face vem contradizer-me.
Estendes contra mim furor, matança.
Rangendo os dentes, sobre mim caíram
Ameaças, terror, ódio, vingança;
Abrindo a boca e fauces me cobriram
De opróbrio, e penas; e por mor vaidade
Sem pejo sobre a face me feriram.
Eu gemo sob a mão da iniquidade.
Deus ali me fechou. Como é violento
Suportar o verdugo da impiedade!
Algum dia eu fui Jó, fui opulento,
Hoje em pó, pelas fauces atracado,
Sou alvo a tiros, espantalho ao vento.
Pelos rins fui de lanças traspassado,
Sobre mim um gigante as mãos lançando,
Nem sequer nas entranhas fui perdoado.
As feridas se vão multiplicando;
Trago um cilício sobre a carne posto;
Cobre-me a cinza, em pó me vou tornando.

À força de chorar inchou meu rosto,
As pálpebras, oh dor! se escureceram.
Às angústias, que sofre o meu composto,
Minhas mãos nem de leve concorreram;
Puras preces a Deus eu oferecia,
Quando estes males sôbre mim vieram.
Não cubras o meu sangue, ó terra fria,
Em teu seio não achem penas, dores
Lugar de se esconder. O' Luz, envia
Às alturas do Céu quantos clamores
Do abismo do meu nada ao Céu levanto.
Amigos não são mais que faladores;
Quem me conhece é Deus. Afeito ao pranto,
Com lágrimas talvez o enternecera;
Oxalá que entre Deus que é puro e Santo,
E o homem torpe e imundo se fizera
O Juízo, que entre os filhos dos humanos
O colega em questão desenvolvera!
Tão breves, como os dias, são meus anos;
Eis o passo... a vereda aos maus aponta,
Que ali não têm recurso, pena e danos.

CAPÍTULO XVII

A minha alma se vai atenuando,
Como que um novo ser ela procura,
Quando os dias se vão abreviando.
Agora só me resta a sepultura.
Não pequei: mas eu tenho experimentado
Que os meus olhos não vêem mais que amargura.
Põe-me livre, Senhor, junto a teu lado;
Contra mim, com tão forte resistência,

Seja quem quer que for, que venha armado. A
doutrina alongaste, a inteligência D'impuro coração,
mal a fraqueza Pode exaltar-se à custa da inocência.
Sócios do crime seu contam co'a presa, Nem os
filhos verão. De um modo novo M'encaram como
horror da natureza; Fui reduzido à fábula do povo;
Quase qu'eu desfaleço; d'indignados Os olhos já sem
luz debalde movo. Ao ver-me os justos ficarão
pasmados... A inocência, que é simples, vai sem
susto Combater os hipócritas malvados. De seus
caminhos não se arreda o justo, Fortaleza em mãos
puras se acrescenta. Franzindo a pele do semblante
adusto, Se algum de vós talvez presume, ou tenta Ser
sábio, vinde pois, vereis portanto Que entre vós
nenhum sábio se apresenta. Lá vão meus dias entre
mágoa e pranto, Meus pensamentos já se dissiparam;
Cobrindo o coração de horror e espanto, Os meus
dias em noite se tornaram. De novo espero a luz; que
doce efeito, Produz a mão, que as trevas respeitaram!
Se levanta, e me diz: — Terás um dia No sepulcro
mansão, nas trevas leito! — Tu és meu pai! — A
podridão me ouvia; Entre escuro vapor, que a luz
alcança, O' mãe e irmã! — Aos vermes eu dizia. Mas
agora onde está minha esperança? Ou a paciência?
Quem a reconhece?

Quem é que pode crer, que ali descansa, Onde o
terror em larvas aparece? A dor e a podridão, tudo
que eu tenho, Ao mais profundo do sepulcro desce.

CAPÍTULO XVIII

Diz Baldad: — Até quando sofreremos Palavras
loucas? Homens enganados, Aprendei, e depois nós
falaremos. Por que razão nós somos reputados
Como jumentos? Sordidez impura Nos tem diante
de vós enxovalhados. Tu perdes a tua alma;
porventura, Morrendo Jó, se despova a terra? Só
porque fenfureces na amargura, Se transpõe o
rochedo, ou se desterra? Não se extingue da Luz a
claridade; No seu mesmo esplendor a Luz se
encerra. Tombe um dia no horror da escuridade O
ímpio, a casa, e a lâmpada que ardia; As trevas têm
no centro da impiedade O poder da ilusão, até que
um dia Por si mesma a impiedade se despenha Nem
sequer vendo a morte, se desvia, Não há força, nem
braço, que a sustenha, Precipita-se e cai no laço, ou
rede, Aonde, o visgo, ou malha os pés detenha:
Sofre oculta prisão, que o passo impede. Contra o
ímpio o terror do chão rebenta, Espalha-se o furor,
qu'irrita a sede. Ao longo do caminho a mão
sedenta

Da desgraça o rodeia, amedrontando
O espaço, que a seus olhos se apresenta.
Vai de abismo em abismo tropeçando,
Até que um dia a fome lh'entorpece
A robusta cerviz, que vai murchando.
Vida e calor co'a inédia se enfraquece.
Da magreza ou da morte acometido,
Que horror! Que palidez! Ou desfalece,
Ou quando arranca o último gemido,
A confiança esvaece, a casa treme...
Qual eco fora, do trovão bramido.
Contra o ímpio o poder da morte avança,
Como um Rei, porque nada lhe resiste;
Morre enfim sem recurso d'esperança.
A sua habitação... já não existe,
Agora é coito, e presa d'ímpio bando,
De sulfúreo vapor morada triste.
Qual terreno, que o Céu amaldiçoando,
Solte o fogo por cima da seara,
E por baixo as raízes vão secando.
Vapor ou fumo, que a explosão dispara,
Do ímpio a memória assim desaparece,
Seu nome é planta, que o vapor crestara.
Em torno do ímpio a luz se entenebrece,
Recua o golfão, que transpõe a idade,
Entre os homens de todo enfim perece.
Não deixa nem sequer posteridade,
Nem do berço, ou nação vestígio resta
Que o lembre um dia, quanto mais saudade!
A dor e a perdição se manifesta,
Pasmam os moços, quando os velhos tremem,
Gozava o ímpio!... Mas a sorte é esta.

Tombando enfim no horror das trevas, gemem Aqueles
que da luz extraviados Desconhecem a Deus, porque o
não temem.

CAPÍTULO XIX

— Até quando, diz Jó, minha alma aflita
Quereis atormentar? E assim falando,
Sem pejo, acrescentais minha desdita?
À razão e à amizade as costas dando,
Pretendestes, de balde, confundir-me,
Tormentos, maldições multiplicando.
Por dez vezes tentastes oprimir-me;
Muito embora eu errasse; pois meu erro,
Por maior que ele fosse, era iludir-me.
Sem razão levantai a voz de ferro
Contra mim, contra os males que padeço
No opróbrio, e na aflição do meu desterro.
Sabei agora ao menos, que este excesso
De males vem da mão do Onipotente,
Por um Juízo, que adoro e desconheço.
Esta força que eu sinto, ninguém sente,
Se eu clamo, quem m'escuta? Anelo, ou grito...
Não há quem julgue de um suspiro ardente.
Em curto, estreito espaço circunscrito,
De balde os pés movendo, horrível brado
Nas trevas soa!... de quem geme aflito.
Um dia eu fui de glória coroadado;
Hoje sem glória, sou mesquinho e peço,
Qual tronco, que é de suco despojado,
Sem verdura, sem flor, sem vida, seco.
Como pelas raízes me arrancavam,

Nem sequer da esperança escuto o eco. Ladrões ao mesmo tempo me assaltavam, Ergueu-se contra mim furor, vingança, Como inimigo seu me declararam. A mão que me despoja da esperança, Em ira acesa, os que mandou, vieram, Fui riscado no livro da lembrança. Ludíbrio do meu corpo então fizeram, Pisando sobre mim caminho abriram, Cercando a casa, em sítio me puseram: Os meus próprios irmãos de mim fugiram, Sou como estranho àqueles que gozaram Do brilhante esplendor, em que me viram. Os parentes enfim me abandonaram, Esqueceram-se todos, desdobrando Lúgubre véu, que sobre mim lançaram. Amigos e domésticos julgando Ver um estranho, cada qual me via De um modo abjeto, com desprezo olhando. Se eu chamava, ninguém me respondia: Aos meus servos eu mesmo deprecava. Minha mulher meu hálito fugia, Como cheia de horror! Eu me humilhava Àqueles que eu gerei. O fátuo e louco, Ultrajando-me, assim me desprezava. Servi de execração, fui tido em pouco Por quem eu mais amava, convertidas As lições de conselho em canto rouco. Lívido o aspecto, as carnes carcomidas, Os meus ossos à pele se pegaram, Somente os lábios, posto que em feridas, Rangendo os dentes, secos me ficaram.

(Ao menos vós de mim compadecei-vos, Se é que os amigos não me abandonaram.) Vinde ouvir minha dor... ao eco... erguei-vos, Do Céu me punge a força, o raio, a ira; Ou não me persigais, ou defendei-vos. Se alguém se julga Deus, então delira; Mas vós, por que me estais despedaçando? Quem é que ao ver-me não se compungira, Os olhos de miséria e dor fartando? Todas estas razões preponderadas, Quem me dera, Senhor, que epilogando, Ou fossem como em lâminas gravadas Com ponteiro de ferro, ou s'imprimissem Sobre uma rocha, por cinzel cortadas! Até que enfim os mortos resurgissem. Venha o meu Redentor!... Eu bem quisera Ver os corpos, que em carne se vestissem, Como eu hei de vestir-me! A carne espera Ver o meu Deus... Se o Verbo se humanara... Se em meus dias ao mundo ele viera... Antes da morte eu mesmo o contemplara. Eis a fé, que nutre, eis a esperança Que há muito no meu seio se firmara. Porém vós contra mim pedis vingança Sob um pretexto vão, como se eu fora Igual ao ímpio em obra, ou semelhança. Fugi pois dessa espada vingadora, Que há de o ímpio aterrar. Sabei que há Juízo; Como, e quando será? Talvez agora.

CAPÍTULO XX Sofar, que a Jó

responde, assim profere:

— Meus pensamentos vão se acumulando, Sem que a minha alma deles se apodere. Tu me argúis discorrendo, e doutrinando, Mas eu só te respondo, discorrendo; Tudo eu sei do princípio, desde quando A terra viu que o barro, estremecendo, Deu à espécie animal um ente nobre, O homem livre, qual foi, livre nascendo. Como é livre o louvor, que ao ímpio cobre! Mas o prazer do hipócrita é um momento. Releva que a soberba enfim se dobre. Busca em vão topetar c'o Firmamento, Quando remonta ao Céu, ímpia cabeça Faz castelos no ar, dá rumo ao vento. Na imundície e no horror enfim pereça. Onde está? Os que o viram, perguntando, Dirão: — Se ele existiu, foi mais depressa Que a noturna visão, ou foi sonhando Que um momento existiu. Se ele aparece, Os olhos ficam, sem o ver, olhando. O asilo, a pátria, o berço o desconhece; A prole arrasta o jugo da indigência; Contra si mesmo o ímpio se enfurece. Os vícios que ajuntou na adolescência Enchem-lhe um dia os ossos de amargura; Se não servem aos moços de experiência, Vão c'os velhos dormir na sepultura. Co'a dor e execração se lisonjeia, Um dia encontra no seu mal doçura. Como que sob a língua se recreia De o poupar, na garganta ele o demora. Mas o pão da impiedade é como a cheia,

Não rega, nem produz, antes devora;
Convertendo-se em fel, amargo, e toma
D'áspide a língua que envenena, e chora.
Contra o ímpio, o Senhor, que as fúrias doma,
As medulas do seio esquadrinhando,
Faz que vomite do tesouro a soma.
A cabeça dos áspides chupando,
Há de sorver a morte de repente,
De uma víbora as garras assanhando.
(Não verá nem dos rios a torrente,
Vendo em fel de amargura convertida
A que foi de manteiga, e mel torrente.)
A impiedade em tormentos oprimida
Não se consome, paga o que merece;
Do tormento a opressão é igual à vida.
Despindo o pobre, da nudez se esquece;
Destrói o que não tinha edificado.
De roubo e dano e fraude s'enternece.
Nunca o desejo do ímpio é saciado,
Amontoa, e não goza, possuindo
Tudo quanto ele havia cobiçado.
Nunca as sobras da mesa repartindo,
Deu aos pobres a mais pequena parte;
Por isso o todo se desfêz caindo.
E quando n'abundância ele se farte,
Há de sentir no incêndio que o devora,
Dores, ânsias cruéis por toda a parte.
Oxalá que repleto o ímpio fora!
Contra o ímpio o furor da própria ira
Há de tomar-se em guerra vingadora;
Chovendo ferro, a chama ele sentira
Das armas que forjou, se aguda seta

De arco de bronze não se despedira.
Qual relâmpago a espada o fio enceta
No fumívoro seio da amargura,
Que o bando horrível do remorso afeta.
Do abismo a noite pavorosa, escura,
Co'as trevas todas nele hão de ocultar-se.
De fogo ativo a chama, que não dura,
Devorando-lhe o peito, há de inflamar-se,
De aflições ou de susto o sangue gela;
Nas tendas do ímpio o forte há de humilhar-se;
E quando a iniquidade o Céu revela,
O barro contra o ímpio se levanta,
No mesmo pó que pisa, se atropela.
Desamparo, pobreza, injúria tanta
Persegue o nome, que aos vindouros passa,
Envolvido no horror, que a terra espanta.
Eis a sorte que aos ímpios ameaça;
De quem fala e não teme, a herança é ira
Do Senhor que fescuta, ó ímpia raça.

CAPÍTULO XXI

São estas as razões, ouvi, vos peço, Talvez (responde Jó)
que a penitência Vos induza o punir tão louco excesso.
Minhas razões ouvi com paciência, Depois zombai de
mim, se vos parece; Mas vede, que por mim fala a
experiência. E' o calor da disputa que me aquece? Falo a
um homem? Talvez de angustiar-me Sem motivo, no
peito a angústia cresce. Pasmai só de me ouvir, tremei de
olhar-me,



Em mágoa e luto se tornou meu canto; A voz
da minha citara suave Converteu-se em vapor,
tornou-se em pranto.

Jó, XXX

E ponde sobre a vossa boca o dedo:
Eu mesmo, quando chego a recordar-me...
Estremeço de horror, de assombro, e medo.
Por que foram os ímpios exaltados?
Se eles crescem, não tombam tarde ou cedo?
Se os filhos diante deles conservados,
Parentes, netos!... Quem da morte zomba,
Julga ter os dias prolongados.
Nem a vara de Deus sobre eles tomba,
Não há bens que aos do ímpio se comparem;
Vive o corvo seguro, em paz a pomba.
As vacas, que ele tem, sem risco parem,
Logram as crianças. Moços e meninos,
Sem que jamais de um ponto se separem,
Formam como um rebanho; os pequeninos
Saltam ao som da citara e pandeiros,
Brincando sobre a urna dos destinos.
Seus dias são instantes lisonjeiros,
Mas num ponto vão ter à sepultura.
— Retira-te de nós. — Eis os primeiros
Que disseram a Deus. Ninguém procura
Entre nós conhece-te; assim vejamos,
Quem é Deus? Ou qual é a imensa altura
Do Todo-Poderoso, a quem sirvamos?
De que nos serve, que nos aproveita
Invocá-lo, ou que preces lhe façamos?
Ah! Senhor... Se é da vossa mão direita
Que as riquezas, e a vida penduradas
Tremem!... Longe de mim, ó impia seita!
Quantas vezes, as tochas apagadas,
Sobrevêm maldição, dores, tormentos,
E as costas de vergões ficam pisadas!

O ímpio é como a palha solta ao vento,
Como as cinzas que um vórtice espalhara;
O castigo na prole é mais violento;
Eis as penas, que Deus lhe reservara.
Assim no próprio mal escarmentado,
Conhece a mão, que enfim descarregara
A fúria, com que ao ímpio amedrontado,
Dá-lhe a beber horror, estrago, e morte;
Após ele o castigo vai passando.
E sente o ímpio o que não vê? Que sorte
Mais do que a sua, a seus vindouros cabe,
Que seja ao ímpio estranha.e dura e forte?
Quem é que ensina a Deus o que ele sabe?
Abatido o elevado, o rico, o pobre,
O robusto, o feliz, há quem se gabe
Da mão que o pune, e que a cerviz não dobre?
Faminto aquele morre na amargura,
A abundância desfoutro os rins lhe cobre;
Mas ambos vão dormir na sepultura,
Pasto de bichos, e de pó cobertos.
Essa nova linguagem, que me apura;
Pensamentos tão fúteis e indiscretos
Perguntam: Onde a casa dos tiranos?
Onde as tendas do ímpio? Ou nos desertos,
Ou nos caminhos: respondi, humanos,
Vós o sabeis: o iníquo é reservado
A um dia de furor, de estrago, e danos.
Mas por que deve ser ele acusado?
De quem recebe o ímpio a recompensa?
Ao supulcro ele mesmo arrebatado,
Um dia perde a luz, não perde a crença;
Quem não vive nos braços da esperança,

Sôbre os mortos vigia, e sem detença
Como objeto de horror, e de vingança,
Baixa o ímpio às areias do Cocito.
Tão doce após de si, como a lembrança
Dos homens, que atraiu, sendo infinito
O número, a extensão, e a vaidade
De quem procede, ou ama o seu delito.
Como é possível que a ilusão me agrade,
Quando a força de vossos argumentos
Se opõe às Leis do Eterno ou da Verdade!

CAPÍTULO XXII

— Pode o homem a Deus ser comparado — Elifaz de Tema prossegue —, sendo Muito embora em ciência consumado? Que aproveita ao Senhor, que t'está vendo, Que sejas puro? O Todo-Poderoso, Do teu braço o auxílio carecendo, Talvez há de argüir-te, cauteloso? Ou em fúria julgar-te, porque seja Quando em juízo, fraco e temeroso? Responde, não será porque é sobeja A malícia que tens? Porque alongaste Sem limite as paixões, sem têrmo a inveja? Sem causa a teus irmãos tu despojaste De seus vestidos e penhor lucrando, À nudez e ao ludibrio os entregaste. Com teu poder a terra devastando, À fome e à sede... Ó bárbaro! iludiste, Escondendo-lhes pão, água negando. Sem socorro as viúvas despediste,

O órfão mesmo por ti foi desprezado,
As forças, e o vigor lhe diminuístes.
Agora de perigos rodeado,
Repentino tremor, que não previas,
Te assalta, quando gemes conturbado.
E julgando que as trevas não verias,
Nem dos males ao ímpeto cederas
Escapar à opressão tu pretendias.
Acaso tu não vês, tu não ponderas,
Que as estrelas e o Sol e o firmamento
Estão sob os pés de um Deus, no qual não creras?
E perguntas?... Que louco atrevimento!
— Que sabe Deus? Do mundo retirado,
Como em trevas julgando, põe o assento
Entre as nuvens, que o tem como guardado,
No Céu de pólo a pólo passeando,
Dos negócios dos homens descuidado. E
pretendes, os séculos guardando, Seguir da
iniqüidade a senda ímpia? Não sabes de um
Dilúvio, que alagando A terra inteira, arrebatara
um dia Essa dos ímpios rápida corrente, Que
arrastando os mortais a Deus dizia:
— Retira-te de nós: o Onipotente
O que pode? Foi ele que às mãos cheias Sobre os
ímpios lançou próspera enchente. Arredai-me,
Senhor, ímpias idéias, Longe, longe de mim. Há de
alegrar-se Um dia o Justo, que das próprias veias
Com sangue a Fé selou. Há de exaltar-se O inocente:
que os ímpios insultando, A soberba a seus pés há de
humilhar-se.

As relíquias da terra devorando,
Caiu fogo do Céu. Se o mundo errava,
Volta-te a Deus, ao mundo as costas dando.
A Lei, que o Céu t'envia, aceita e grava
Sobre o teu coração, que arrependido,
Quando se volte a um Deus que abandonava,
À posse de teus bens restituído,
Verás, tornando a paz, que foge o medo
Das tendas tuas, o destroço, o ruído.
Serás inda mais firme que um rochedo,
O Senhor te há de dar torrentes d'ouro.
À mão do Onipotente, basta um dedo,
Que aponte, ruína e dano e morte e agouro
Deixam teus inimigos destroçados;
De prata aos montes tu farás tesouro.
Os olhos em delícias elevados
Só a Deus, como fitos, contemplando,
Absortos ficarão, no Céu pasmados;
Porque Deus tuas preces escutando,
E tu cumprindo os votos, felizmente
Verás tudo o que fores projetando.
Nos teus caminhos te será patente
A luz, e a força que te cinge o lado
A teus conselhos há de ser presente.
Quem se humilha será glorificado.
A inocência baixando os olhos cresce,
Como virgem no amor, que é premiado.
Inda quando se humilha, ela não desce,
Não murcham palmas, nem os louros murcham,
A pureza das mãos tudo merece.

CAPÍTULO XXIII

— Meus gemidos se forjam n'amargura,
Com que falo, diz Jó, do Eterno o selo,
As dores minhas agravando, apura.
Quem me dera encontrá-lo, conhecê-lo!
Prostrar-me diante do seu trono, ouvi-lo
Expor-lhe a causa minha, e convencê-lo!
Em pobre e rude, mas queixoso estilo
Desatando expressões, eu só quisera
Um Deus compreender, um Deus, senti-lo.
Tão forte como é Deus, não combatera
Contra o pó do meu ser, à imensidade
De um Deus, que não me oprime, eu propusera:
Qu'expondo contra mim juízo, eqüidade,
Quando a mão inculpada o juízo sente,
A favor do infeliz pende a Verdade.
Busco a Deus, e o não acho no Oriente;
Daqui, dali me volto, e não o alcanço,
Nem sequer o percebo no Ocidente.
Se à direita, ou à esquerda eu me abalanço,
Do espaço inteiro os pontos esquadrinho,
Nem o vejo, nem posso achar descanso;
Mas ele bem conhece o meu caminho,
No fogo de meus males quis provar-me,
Como se prova o ouro no cadinho.
Seus passos procurei, sem desviar-me,
Guardei quanto lhe ouvi, de um só preceito
Nem me escondi, nem pude separar-me.
De seus lábios a voz gravei no peito;
Como Eterno e imutável o consulto.
E' Grande e Sábio e Só, porque é perfeito.

Quem é que pode um pensamento oculto
Penetrar invertendo? Se a vontade
De um Deus, quando Ele quer, não sofre insulto.
Seu braço pode em plena liberdade
O meu corpo afligir com mais excesso;
Eu adoro o poder da Divindade,
Diante dela a mim mesmo desconheço;
Se a contemplo, de trevas rodeado,
E encontro espinhos, em temor tropeço.
Manda que eu gema aflito, e consternado,
Mas quando o peito solta algum gemido,
Se eu padeço, é com as dores conformado.
Se o não fora, eu houvera perecido;
Nem a um Deus, que m'escuta, levantara
O meu rosto, nas trevas escondido.

CAPÍTULO XXIV

Que é o tempo em face ao Todo-Poderoso?
E' um ponto; quanto os olhos descortinam,
Aos humanos é incerto e duvidoso.
Uns transpõem o terreno, em que dominam,
E o gado, que era alheio, apascentando,
À fraude e roubo as mãos sem pejo inclinam.
Os pobres oprimindo ou saqueando,
Um só jumento aos órfãos arrebatam,
Em penhor à viúva um boi tomando.
Pobreza e mansidão se desbaratam
Arrastando prisões em tanto aperto,
Que jamais de seus pulsos se desatam.
Outros como famintos no deserto
Bem qual asno montês põem-se a caminho,

Madrugando co'a presa, a rumo incerto. Dão à prole
o suor de seu vizinho, Roubando ao fraco e pobre
qu'esmagaram, Na vindima e na ceifa o pão e o
vinho. Tiram àqueles, a quem nus deixaram, A
própria cobertura; expondo ao frio Quem as chuvas
do monte repassaram; Correm do rosto as lágrimas
em fio Aos pobres, que se abraçam c'um rochedo,
Ou procuram calor junto de um rio. Desprezando o
pupilo em dor, em medo, Ao vulgo da miséria o pão
tirando, Reduzem-no a existir como em degredo. A
indigência, ou a fome despojando Das espigas, que
apanha, ao meio-dia À sombra da desgraça
descançando, Negam o vinho a quem há pouco o
havia Pisado no lagar. Ruidoso estrondo Aterra o
camponês, que em sede ardia; Lá geme o eco!... em
círculo, redondo Atroando no espaço da cidade... A
miséria, o clamor, o estrago opondo Vingança
pedem contra a iniquidade Os feridos, e os mortos...
Aparece O Anjo Defensor da humanidade. Quem
foi rebelde à luz, ou desconhece As veredas que
trilha, ou não se afasta Do perigo em que jaz,
porque esmorece. Madruga o malfeitor, que à morte
arrasta Os mendigos, sem dor. A noite estende Um
véu à mão que rouba, ou que devasta. O adúltero
fugindo à luz, que ofende,

Diz — Ninguém me verá; — cobrindo o rosto,
Apalpando a ilusão, das trevas pende;
Executa o que havia assim disposto,
Arromba as casas, aborrece o dia.
E quando a aurora no da luz encosto,
Raiando no horizonte, a luz trazia,
De repente o malvado, qu'estremece,
Crê que a sombra da morte o perseguia.
O malvado não vê, quando amanhece;
Mais cego que a ilusão, mais inconstante
Que a superfície d'água, ou s'entristece,
Ou variando se muda a cada instante.
Do ímpio a possessão maldita seja!
Das vinhas e olivais sempre distante,
Seu crime, enchendo o âmago da inveja,
Desce ao Báratro enfim; desfeito em neve,
Ora em nímio calor ele se veja,
Não sinta compaixão, que nunca teve;
Bichos na boca entornem-lhe a doçura,
Que ele aspira, e no espaço o circunscreve:
Tombe a memória em lagos de amargura,
O seu nome em horror despedaçando,
Como tronco infeliz, ou planta impura;
Porque a estéril, um dia cultivando,
Teve como em ludíbrio a Natureza,
Os órfãos, e a viúva desprezando.
Se existiu em vigor e fortaleza,
Ao fraco destroçou; foi a existência
Como instável, e imprópria da grandeza.
Nem sequer por temor fez penitência;
A soberba é feroz, o abuso é triste,
Mas vela sobre tudo a Providência.

Elevando-se um pouco, ou não subsiste, Ou tomba de repente, arrebatado Como é tudo o que foi, já não existe, Qual tenro grão na espiga destroçado; Mas quando assim não fosse quem pudera, À presença de Deus, sendo eu levado, Convencer-me do mal, que eu não fizera? Virtude e amor é o timbre da verdade; A mentira só tem por cunho a cera.

CAPITULO XXV

Diz Baldad: — A atração, ou a energia
Do poder e terror é só d'aquela
Que regula dos astros a harmonia.
Quem é que enchendo o espaço a luz repele?
Tudo espreita, e se humilha à voz do Eterno!
Ninguém se justifica diante d'Ele.
E pode à vista do esplendor supremo
Ser puro um ente, de mulher nascido?
O Sol, perdendo a luz, perde o governo
Dos planetas, da lua, que escondido
O rosto diante dele se escurece.
Tão pura no esplendor qu'Estrela há sido?
Quanto mais o homem fraco, qu'estremece!...
O bicho, o pó da terra, o filho do homem,
Uma essência, que morre, e que apodrece.

CAPÍTULO XXVI

— A quem socorres tu? Já lhe responde, E prossegue: — O teu braço porventura Descobre a força, que a fraqueza esconde?

Talvez mandaste a luz à estância escura
Onde geme a ignorância aferrolhada?
Alardeias que a luz em ti se apura?
Tão sublime a prudência revelada,
Que ostentas, ensinando a quem t'ensina,
Não te diz que por Ela foi criada
A existência, o calor? Que a Mão Divina
Sepultando os gigantes sob as águas
Fez gemer esta raça peregrina?
A seus olhos estão do inferno as fráguas
Como abertas; não há nem rio, nem manto,
Que oculte a perdição, nem dor, nem mágoas.
Deu aos Pólos firmeza, ao vácuo espanto;
Tirou do caos, suspendendo a terra
No equilíbrio do ar; o impulso é tanto,
Que as águas entre as nuvens ele encerra,
Sem que tombem. Seu Trono anuviado
Se oculta aos olhos, e a ilusão desterra;
O oceano criou como encerrado
Num ponto, a terra, o mar circunscrevendo,
Até que expire a luz, e o véu dobrado
Da noite se evapore, estremecendo
As colunas do Céu, quando a grandeza
Do Universo tombar, sem luz tremendo.
Sobre os mares se estende a fortaleza
De quem domina o mar. A cada instante
Os fantasmas do orgulho ele despreza.
Seu espírito adorna o Céu brilhante,
Sábio e só, por essência Poderoso
Fere a soberba, oprime o dominante,
Tira à luz o dragão, que é tortuoso.

Eis aqui bem pequena e leve parte
Do seu Poder. No espaço tenebroso
Da terra uma centelha se reparte
Do trovão que anuncia!... Oh Deus! que humano,
Sem saber o que vê, sabe adorar-te?

CAPÍTULO XXVII

Jó, que o ouve, prossegue acrescentando
A parábola, e diz: — O Onipotente
A causa de meus males desviando,
Bem sabe, porque a tudo está presente,
Quem me arrasta a um excesso de amargura;
Oh Deus!... a quem minha alma adora, e sente!
Enquanto a vida, e o calor se apura,
De meus lábios fugindo a iniquidade,
Porque é pobre, a mentira detestando,
Porei na língua o cunho da verdade.
Minha inocência, nem sequer julgando
Que vós sois justo, pode acompanhar-me,
Sempre longe de vós, jamais deixando
Nem o projeto de justificar-me,
Nem da luz o clarão que me assegura
Isento de remorso conservar-me.
Se o ímpio é lodo de uma vida impura
Dos meus adversários a lembrança
E' como o iníquo, que a ilusão procura.
Qual é pois a do hipócrita esperança?
De que lhe serve o roubo, se a avareza
Livrar não pode o rico da vingança?
Deus escuta os clamores da pobreza;
Mas quando a angústia chega a apoderar-se

Do rico, o seu clamor Ele despreza.
Pode acaso o avarento debitar-se,
Quando invoca o poder do Onipotente?
Com auxílio do Céu pode anunciar-se,
Quanto em si mesmo um Deus encerra, e sente;
Não se esconde o tesouro da esperança;
Logo por que falais inutilmente?
Um Deus, que tudo vê, que tudo alcança
Desde que o ímpio a fúria concebera,
Declarou que do ímpio é esta a herança:
D'espada vingadora o fio espera
A prole, que se vai multiplicando:
Os netos, porque a fome precedera
À ruína e dor, suspiros arrancando,
De repente hão de ser arrebatados,
Órfãos, viúvas, tímidos chorando.
Tesouros, como a terra amontoados,
Ajunta o ímpio, mas não goza; um dia
Para as tendas do justo transportados,
A inocência que é simples avalia
Os bens, como eles são, reparte, e goza.
O ímpio é como a traça que não cria,
A casa, que ele fez, tombou ruidosa,
Qual tomba ao camponês, no leve encosto
Da vindima, a choupana esperançosa.
Se o rico dorme, levantando o rosto
Não vê mais que aflição, e iniquidade
Consigo arrasta, e leva só desgosto.
Miséria, dissabor, calamidade,
E' como a inundação, que de repente,
Desenvolve co'a noite a tempestade.
O vento abrasador da plaga ardente,

Como um vórtice, o ímpio arrebatando De rojo
lançará, como a torrente, Que males sobre males
derramando, Tudo envolve, e por fim
desaparece. Terror, desgraça para o sítio
olhando, Contra o ímpio irritado se enfurece.
Bate as mãos, assobia... injúria, opróbrio Ilude
os maus, dos ímpios escarnece.

CAPÍTULO XXVIII

Da mina as veias são como elemento Da prata e
ouro; mas a forma encerra Os sinais na extensão
do tegumento. O mais útil metal supõe que a
terra Tudo elabora; a pedra derretida Se torna às
vezes no metal da guerra. Medindo a escuridão
põe termo à vida A mão, que a pedra escura
avaliando, Ergueu da morte a sombra denegrida.
A torrente, do povo desviando Aquele, que a
pobreza desprezara, Sem rumo o deixa para o
Céu olhando. Ondeia o fogo em chamas na
seara, Acode o camponês; mas tu não viras Nem
sequer o que o fogo roteara; Neste sítio não há
senão safiras, Aquele só produz folhetas d'ouro;
Tu mesma, ó ave, que no espaço giras, Não vês
o abutre de sinistro agouro, Nem t'empolgam as
garras do inimigo; Em vão procura o laço o teu
desdouro,

Tudo em torno de ti te ofrece abrigo;
Vai passando a leoa, sem que o medo
Ou te arroje, ou descubra algum perigo.
A indústria cala ao centro dum rochedo,
Transpondo a serra, desatando a frágua,
Como pela raiz salta o penedo.
Faz correr duma rocha arroyos d'água,
Descobre tudo que há de precioso;
Se é tesouro a ilusão, seu preço é mágoa.
Desce ao fundo dum rio caudaloso,
Investiga a matéria, que ele esconde;
E o metal que descobre é caviloso.
Se existe um sábio só, dizei-me aonde?
Sabedoria!... Oh luz da inteligência!
Aonde, aonde estais? Ninguém responde;
Porque ninguém conhece a sua essência;
Ela foge ao prazer, foge às delícias.
Diz o abismo: — Eu não guardo a Sapiência.
Publica o mar: — Um fundo de divícias,
A pérola, o coral eu crio e tenho;
Mas não tenho sequer nem as primícias
Da luz, que emana d'imortal desenho.
E' mais pura que o ouro inda mais puro.
Nem o peso das águas que sustenho,
Nem da prata o valor é tão seguro.
Comparada co'as pedras do Oriente,
A safíra, o diamante é baço, escuro.
Mais limpa que o cristal, mais reluzente
Que ura vaso d'ouro, excede em qualidade
A tudo, inda num grau mais eminente.
De grandeza, louvor, sublimidade,
Nomes vãos, nem a forma se avalia,

Diante dela, nem sombra d'igualdade;
A púrpura, o topázio perderia
A cor. É da extensão no oculto seio
Que se infere, ou deduz sabedoria.
De que ponto, ou lugar a luz nos veio?
Donde nasce este dom d'inteligência,
Distinção dos mortais, dos brutos freio?
Como escondida aos olhos a existência,
Nem as aves do Céu lhe precederam,
Coeterna só co'a luz da Providência.
A morte e a perdição por que a temeram?
Até nossos ouvidos chega a fama
De seus feitos: — Em alta voz disseram.
O Sábio por essência é quem reclama
As veredas da luz, quem só conhece
O que abaixo do Céu o adora e ama.
Dum pólo a outro pólo Ele aparece.
O mundo é um ponto diante d'Ele: ao vento
Dando equilíbrio, ao ar, quando escurece;
As águas calculou do Firmamento.
Prescreveu certas leis à chuva, dando
Ao mar limite, à tempestade assento.
Em pompa e ruído a fúria preparando
Do raio, é desde então que O anuncia
Trovão, que rompe os ares, atroando.
Disse ao homem depois: — Sabedoria!
Evita e foge o mal; porque O temia.

CAPITULO XXIX

Da Parábola o fio anovelando
Prosegue Jó: — Se eu vivo, quem me dera

Tornar ao que já fui! assim lembrando
Nem por sombra o que sou, mas o que era,
Quando Deus noutra tempo me guiava
Co'a luz, que sôbre mim replandecera.
Então no horror das trevas me guardava,
De meus dias o espaço regulando,
Comigo ocultamente ele habitava:
Sobre mim, que era moço, derramando
A virtude do Todo-Poderoso.
Em ternura os meus filhos abraçando
Derramava de azeite saboroso
A abundância, das pedras escorria
De manteiga um arroio copioso.
Quando fora dos muros eu saía,
Ou ao menos às portas da cidade;
Quando nas praças públicas se erguia
Em sinal de respeito, dignidade,
O assento em que eu falava; o moço, o velho,
Um se escondia, d'outro a gravidade
Se punha logo em pé. Valor, conselho
Dos Príncipes cessava. Amor, Virtude
É qual raio do Sol, quando no espelho
o reflexo produz. Ao fraco e rude
Madureza, que atrai, silêncio impondo
Reparte co'a expressão, vigor, saúde.
Os maiores do povo, ouvindo o estrondo
De aplauso, e de louvor, se coíbiam
Da voz, o dedo sobre os lábios pondo,
Na garganta as palavras se escondiam.
Cos olhos dando testemunho honrado
A meu favor, aqueles que me ouviam,
Clamavam logo: Oh bem-aventurado!

Quem socorre à pobreza, ao desvalido,
Aos órfãos, à viúva, ao desgraçado!
Quantas vezes de glória revestido
Eu escutara bênçãos e louvores
De quem aranca o último gemido!
Da equidade e justiça os resplendores
Me serviam de ornato, ou de diadema;
Dando à mágoa esperança, alívio às dores,
Eu dei ao cego luz, eu fui o emblema
Do coxo, pondo os pés em movimento,
Eu punha os olhos na miséria extrema.
Como pai eu tomei conhecimento
Das causas da pobreza; eu me instruía
Como seu defensor. Fui o instrumento
Da força, que o malvado reprimia;
Pois quebrando-lhe os queixos, lhe tirava
A presa dentre os dentes, e dizia:
— No meu canto (o que há muito eu desejava)
Em paz eu morrerei, multiplicando
Como a palmeira os dias, que eu passava,
Junto das águas a raiz lançando
Descoberta, e viçosa. A natureza
Sobre a minha seara derramando
A frescura do orvalho; a glória, a empresa
Do meu arco nas mãos se fortifica;
Renova-se o valor, nasce a firmeza.
Do silêncio a atração como qu'explica
A voz interna, que as sentenças dava;
Do conselho, que é reto, a frase é rica;
Minhas razões o povo abençoava
Como o aljôfar d'aurora, que esparzido
Sobre seu coração se derramava.

Do horizonte o clarão, da chuva o ruído, Como às
águas serôdias, esperando, Bebendo os ares,
aplicando o ouvido, Um gesto, um ar de riso
aproveitando. Para o deixar confuso e duvidoso,
Bastava um gesto só, risonho e brando. Eu me
assentava em trono majestoso, Como um rei, para
ouvi-lo, rodeado De pompa e de cortejo numeroso;
Mas quando eu via o povo amargurado, À aflição, e
à miséria socorrendo, Em vez de aborrecido, eu era
amado.

CAPÍTULO XXX

Agora os filhos cheios de alvoroço,
Cujos pais nem sequer eu igualava
Aos cães do meu rebanho; agora, o moço
Fraco, indiscreto, aqueles, qu'eu julgava
Indignos de viver, de mim zombando
(Se é que os olhos em mim alguém fitava)
Agora m'escarnecem, deslembrando
Que estereis pela fome eles ruíam
No deserto, a penúria mastigando
Ervas, raízes, cascas, qu'extraíam
Do junípero, esqualida a postura,
A miséria nos olhos descobriam.
Encontrando nos vales a amargura
Do sustento, em clamor o arrebatavam;
A expressão da miséria é tosca e dura.
No côncavo dos rios habitavam,
Nas cavernas ou grutas dum rochedo



Confundiste o meu nada; reduzido A cinza e pó
que sou, mereço a morte;

Jó, XLII

Um asilo encontrando se alegravam. Os espinhos, a dor, a angústia, o medo São as delícias de quem geme aflito: Gente insensata vive num degredo, Como quem busca, ou ama o seu delito. Mas estes nem sequer vão na torrente Do povo, que é rebelde, ou foi proscrito. Agora eu sou a fábula da gente, A cantiga do povo, qu'entoando Opróbrios contra mim, ou me desmente, Ou foge de me ouvir. Abominando O que sou, me cuspiram sem receio Sobre a face, o meu rosto desprezando. Contra mim despejou d'aljava o seio A mão, que abate o rico, o poderoso, Que afligindo-o lhe põe na boca um freio. De Oriente risonho e luminoso À direita o clamor, à esquerda a morte M'envolverão num caos tenebroso. Tudo quanto há no mundo de mais forte, Transtornando meus passos, oprimindo No peito as sensações, tive por sorte Lutar co'as ondas do terror; bramindo Sem luz, nem tino eu fui desbaratado. Ternura, compaixão ao Céu pedindo Sem socorro, nem força rechaçado, As traições, contra mim prevaleceram; Em vão meus olhos para o Céu s'ergueram, Meus desejos então se dissiparam Como o vento, ao meu nada reduzido, Como o vapor das nuvens, que passaram; A saúde e o vigor assim perdido

Dentro em mim mesmo o ânimo esmorece. De dia o
peito de aflição pungido Como que estala: à noite me
aparece Um compêndio de dores, em que leio,
Porque a minha aflição nunca adormece. Quem me
trespassa, e me devora o seio Não descansa, o vestido
m'estrafega, Concentrado dum círculo no meio, Me
aperta a cabeça, porque não chega; Minha túnica é
cinza e pó. Reclamo A Ti, Senhor... e a voz como a
refrega Do vento e mar se torna; se derramo Diante
de ti meus ais, cruel comigo Nem olhas para mim. Eu
sei que te amo E tu, Senhor, te mostras inimigo De
quem te adora, e ama? Que dureza! Elevaste-me ao
ar, eu fui contigo Sobre as asas do vento; a natureza
Se horroriza de ver.que me arrojaste Dum ponto
estranho, como infausta presa. Eu sei que à morte
enfim Tu me entregaste, Mansão terrível de qualquer
vivente: Sôbre mim a opressão descarregaste. Mas a
tua palavra é permanente; Não consumes de todo o
aflito e pobre, Tu susténs a quem tomba de repente.
Eu sentia a expressão duma alma nobre, Quando
sobre os aflitos eu chorava; O véu de compaixão
minha alma encobre. Co'a miséria que sofro, eu não
contava; Sobreveio-me horror!... Se um passo
avanço, Tomba em trevas a luz que eu desejava,

As entranhas fervendo sem descanso, Os dias de aflição
me surprenderam. Inquieto e triste, mas sem fúria, manso,
Os dragões e avestruzes me tiveram Como sócio, ou
irmão; quase sem vida Meus clamores ao eco
enterneceram. Enfiado o rosto, a cútis denegrada, Secos os
ossos, que terror! que espanto! Meus órgãos enche duma
voz sentida! Em mágoa e luto se tornou meu canto; A voz
da minha citara suave Converteu-se em vapor, tornou-se
em pranto.

CAPITULO XXXI

Meus olhos, por um pacto, que fizemos,
Vendo uma virgem, logo desprezavam
Esses, que são de rosa e neve extremos.
Os anjos lá do Empíreo perguntavam
Que parte em mim teria um Deus? Que herança?
Quando meus olhos para a terra olhavam.
Pode haver salvação, pode à esperança
Abranger a injustiça? Porventura
Quem despreza o combate, a c'roa alcança?
Não pode o Criador, a criatura
Chamando a juízo, oh! dor, pedir-lhe conta?
Se os maus caminhos de vaidade pura
E dolo eu semeiei, por minha afronta
Pese tudo o que as mãos e pés obravam.
O justo então verá que ao Céu remonta
Singeleza e valor. Se desvairaram
Meus pés da lei, que abraço, enternecido

O coração, que os olhos arrastaram;
Se às minhas mãos ferrete denegrado,
Ou leve mancha se pegou; roubado
O pão que semei, seja oprimido,
Como pelas raízes arrancado,
O arrebento, que vem de tronco antigo.
Se de alheia mulher como encantado
Tratei o amigo meu como inimigo,
Armando-lhe traições, desonestada
Minha própria mulher seja comigo,
Também de alheio amor arrebatada;
Prostitua-se enfim; pois o adultério
Desarreiga a afeição mais delicada
Da virtude e do amor. Perdido o império
Da razão, a maldade, e o crime avulta:
Esse amor, que extermina, é vitupério.
Do fogo ardente das paixões resulta.
Que eu mesmo aos servos meus negando o juízo,
Suponha sempre que a questão m'insulta
Quando à face dum Deus me for preciso
Reponder... ai de mim! Que horror me assalta!
O susto ao longe, a palidez diviso!
Porventura no ventre a dor se esmalta
De obscuro, ou de sublime? As mães não geram
Dum só modo? A razão sobeja, ou falta?
Se eu neguei o que os pobres pretenderam;
Se como sem lhes dar um só bocado;
Se os olhos da viúva se ofenderam
De observar o que eu fiz; se desprezado
O órfão, ao triste deneguei sustento;
(Pois desde a infância minha amargurado,
Cresceu comigo a compaixão, tormento,

Verdugo d'alma, que nasceu comigo).
Se a nudez, quando já perdido o alento
Vem o frio da morte, oculto abrigo
Não achou no meu seio, abençoando
Das ovelhas o velo, a mão do amigo;
Se a vara contra os órfãos empunhando
Da justiça, e do abuso, as leis manchara;
Meus ombros, minhas mãos desconjuntando,
Sintam meus ossos da justiça a vara.
Da vingança do Céu, do horror da morte,
Sempre em ondas, o peso me aterrara.
Se eu disse ao ouro: És tu meu braço forte,
Minha confiança és tu; se o meu tesouro
Pode encher a minha alma, de tal sorte
Que eu servisse à fortuna, amasse o ouro;
Ou que ao menos de o ver eu me alegrasse;
Se eu olhei para o sol, que é sempre louro,
Se eu vi a argêntea cor da lua em face,
E de oculto prazer fui seduzido,
Como quem de algum modo idolatrasse,
Beijando a própria mão; ao cimo erguido
Da maior impiedade, renunciando
O Nome do Senhor; se corrompido
Por ódio, eu vi sem dor aos pés tombando
Meus inimigos; ou com a ruína alheia
Exultei, na garganta sufocando
A voz da imprecação, do crime a idéia;
Se eu não previsse, que a maldade outrora
Dos meus só de vingar-me se recreia;
Se o peregrino não ficou de fora;
Se eu tive a porta aberta ao viandante;
Se jamais encobri, nem mesmo agora,

A minha iniquidade; se inconstante
Inquieto o coração, ou se aterrara,
Na força do tumulto vacilante,
Ou covarde, talvez não desprezara
Dos parentes a injúria; se eu fizera
Do silêncio, em que a dor me concentrara,
Vaidosa ostentação; oh! quem me dera
Que alguém me ouvisse! Ao Todo-Poderoso,
Que sabe o que desejo, eu propusera:
Que esse mesmo, que em júizo ponderoso
Para os males, que eu sofro, relevara
Que o meu livro tornasse volumoso.
Em meus ombros eu mesmo o carregara,
As fontes da cabeça coroando
Com ele, a cada instante o publicara,
Como a um Príncipe, o livro apresentando.
Se eu recusei pagar ao jornaleiro;
Se a terra contra mim ao Céu bradando,
Eu comi de seus frutos, sem dinheiro;
Se ela chora, ou me tem por inimigo
Na dor, ou n'aflição do dia inteiro;
Abrolhos me produza em vez de trigo,
Em lugar de cevada espinhos brotem:
— Acabou — Diz a voz do Texto antigo.

CAPÍTULO XXXII

Os amigos de Jó, que o acusavam De blasfemo, ou
de néscio, os três somente De responder a Jó por fim
cessaram. Eliú, que era de Ram o descendente, Filho
de Baraquel de Buz, ouvia

A questão sem falar; mas de repente Inflammado de cólera tremia... Contra Jó, contra todos irritado; Porque Jó se julgava, ou se dizia Justo diante de Deus; e condenado Seus amigos o haviam sem provar-lhe Que a dor e a pena é o timbre do pecado. Enquanto falou Jó, não quis falar-lhe, Esperando ocasião melhor, ou dando Respeito ao velho; vai porém mostrar-lhe, Por justa indignação, que os três falando Sem provar, responderam; que ele espera A Jó, e a todos responder, provando. — Mais moço do que vós, eu não devera Entrar nesta questão sem luz, portanto Os olhos abaixando, eu só quisera Aprender dos mais velhos. Com que espanto! Eliú prossegue, e diz: — Agora eu vejo, Que o reto, o sábio, e só três vezes Santo Acende a inspiração, nutre o desejo Da virtude nos homens; que a verdade Tem no espírito a luz, na voz ensejo. Sabedoria e luz não vêm da idade, Portanto falarei, porque a justiça Não é simples clarão da antigüidade. Ouvi-me, eu vou mostrar-vos que a cobiça De louvor na disputa é inconstante. Que o falar com excesso é mais preguiça, Que força da razão; falais somente, E nada concluí. Se o condenamos Sem vencê-lo, a questão fica pendente. Jó propõe, e conclui; nós o escutamos,

Cumpre que ao menos seja refutado.
Não digais porventura: Nós achamos
Sabedoria; e Deus de si lançado
O arrojou com desprezo; argumentamos
Contra um homem, dos homens desprezado?
Nem as suas razões me convenceram,
Nem eu vou pelo vosso arrazoado.
Eis se intimidam todos!... Jamais deram
Palavra nem resposta, emudecendo.
Faço eu agora, o que eles não fizeram.
E só da minha parte discorrendo,
Vou mostrar o que sei. Tenho um tesouro
De razões que em minha alma não cabendo,
Como em vasilha sem respiradouro,
Inda nova, qual mosto fermentando,
Promete um dia arrebentar de estouro.
Eu quero um pouco respirar, falando,
Vou meus lábios abrir; cumpre que eu fale
Com os homens, aos homens igualando,
Sem que jamais nenhum a Deus iguale.
Enquanto eu subsistir, subsiste o medo
D'envolver-me nas trevas deste vale,
Sem saber, até quando? Ou tarde, ou cedo
(Talvez o Senhor me chame agora)
Um dia há de acabar o meu degedo.

CAPÍTULO XXXIII

Ouve, ó Jô, as palavras que eu profiro, Escuta, e pesa
bem minhas idéias, Sentirás o valor que eu delas tiro.
Como que eu sinto a voz nas fauces cheias

Desatando expressões; deu a Verdade
Na língua profusão, calor nas veias;
Os meus discursos têm simplicidade,
Fala o meu coração, nele se apura
De minhas expressões a ingenuidade.
Do Espírito de Deus sou criatura,
Este assopro da vida me foi dado
Tão puro, como a luz brilhante e pura.
Não te queiras opor, eu fui criado,
Como tu; quem nos fez, do mesmo modo
Fez a todos; responde: se és formado
De matéria, qual foi, senão de lodo?
Logo não há razão, por que t'espantes
De me ouvir, quer em parte, quer no todo.
A frase, ou cunho d'expressões brilhantes
Não muda a essência do que tu disseste.
Tuas palavras foram dissonantes;
A voz inda retumba... o eco é êste:
Eu sou limpo de culpa, imaculado,
Tão puro, isento de contágio ou peste,
Que o Senhor tendo assim deliberado,
Só por queixas, não mais, me considera
Como seu inimigo. Eu fui lançado
De injúria ao cepo; a mão, que me prendera,
Igualmente os caminhos observara
Do que eu fiz, ou supõe, que então fizera.
Aqui tens, o que injusto te declara.
Disputas contra Deus, que te despreza;
Em vão vês a distância, que o separa
Da tua pequenez? Quando a grandeza
De Deus se explica, e fala, os homens tremem,
Segunda vez não fala; a natureza

Tem a voz do trovão. Suspiram, gemem.
Por sonho aqueles, que esquecidos dormem,
Sem prever o perigo, que não temem,
Visão noturna faz que se reformem;
Da soberba o delírio castigando,
Impõe que co'a virtude se conformem.
Deus, que o homem castiga, o salva, quando
Da geral corrupção, do ferro o ampara,
Dá-lhe dores cruéis, vão-se minando
No leito os ossos nus. Por fim dispara.
A inédia o tira; o pão, que apetecia
Noutro tempo, a comida agora encara
Com repúdio e desprezo; até que um dia
Descobertos, sem carne os ossos desçam
Ao sepulcro; e à sua alma em agonia,
Como em bando, os remorsos apareçam;
Já sente a corrupção, desamparado,
Sem calor, as funções da vida cessam.
Se houver um anjo, que entre mil, guiado
A seu favor, aos homens anuncie
Do seu dever a retidão, o estado;
Se houver socorro, ou braço, que o desvie
Da morte e corrupção que o ameaça;
Se houver um anjo, que no Céu, vigie,
Dizendo, que o achou digno de graça;
Talvez remoce a carne consumida
Em castigos, talvez menos escassa
A mão, que pede a Deus a paz e a vida,
O perdão pedirá, justificando
No júbilo dum alma arrependida
A presença dum Deus suave e brando.
De novo aos homens voltará dizendo:

— Pequei, deveras delinqüi falando.
Castigo inda mais forte merecendo,
Eu confesso, o que sou. Se um Deus me afasta
Do caminho da morte, a luz, vivendo
Me conduz ao porvir. Se um Deus arrasta,
E oprime os homens, muitas vezes cresce
Co'a opressão a virtude, é um Deus, e basta,
Que co'a luz dos viventes m'esclarece.
Se tens que opor-me, ó Jó, responde,
O Justo, porque é livre, comparece.
Se não tens que dizer, ouve-me, e cala.
Quando a luz no meu seio as trevas rompe,
Sabedoria para o teu resvale.

CAPITULO XXXIV

Eliú prossegue, e marca o seu discurso Exclamando:
Eruditos, escutai-me, Ouvi-me, ó sábios, eu achei
recurso Nas palavras de Jó; senão mostrai-me Que o
ouvido não julga do que sente, Ou se o gosto falece,
então provai-me. Mas o senso comum jamais
desmente A causa nem o efeito; logo havemos
Decidir entre nós, humanamente, O que é justo e
melhor, assim tratemos. Disse Jó: Eu sou justo, e mal
julgada Foi a minha sentença; em dois extremos Peca
o júizo; a sentença transtornada Foi por Deus; a
mentira é dissonante, Mas a seta violenta, e não
manchada. Que homem há seu igual ou semelhante?

Bebendo o escárnio Jó, co'a iniquidade Caminha e fala
e obra a cada instante Sem fugir das veredas da
impiedade. Diz que o homem é um poço de delitos;
Que busca, ou corre a Deus contra a vontade Do
mesmo Deus; mas vós sois eruditos, E cordatos;
portanto, ouvi-me agora: Há dois pontos que são como
infinitos Em distância, a impiedade insultadora Co'a
injustiça, dum Deus se afasta e foge: É reto e justo; a
mão que é vingadora, Ontem reta em punir, suave é
hoje, Tecendo palmas, que a virtude espera. Deus
castiga e premia, sem que arroje Do seio da justiça a
mão; pondera, E decide. Qual outro Ele sustenta Sôbre
o mundo que fez? Só Ele impera. Se Deus se armasse
d'intenção violenta Contra os homens, o espírito
voltara De todo às mãos dum ser, que o aviventa. A
carne ao mesmo tempo definhara; E um ser mais livre
do que palha e vento Tornando à terra, em cinza se
tornara; Porém, tu qu'inda tens entendimento, Escuta
humilde o eco da verdade. Não desprezes a força do
argumento. Com que orgulho, com que temeridade, Tu
condenas o justo! Se te oprime, Ele cura a fraqueza, a
enfermidade De quem ama a justiça. Ele reprime O rei
e o chama apóstata; a grandeza, Quando é impia, ele
faz gemer no crime.

A pessoa dos príncipes despreza;
Se o tirano disputa contra um pobre,
O Senhor nem o vê. Na redondeza
Do Universo envolvido Ele descobre
Sinais do seu amor, entes criados,
Da luz, que os aviventa, imagem nobre.
Morrerão d'improviso arrebatados
Os tiranos do mundo. Horror, tumulto,
À meia-noite os povos sublevados
Punirão a violência. O brado oculto
Da justiça, escondendo a mão no seio,
Põe aos olhos dos homens neste insulto
O horror do crime, da maldade o freio.
Deus vigia, resolve e considera
As ações de quem obra sem receio.
Nem co'as trevas da morte s'escondera
O fantasma cruel da tirania.
Morre o ímpio sem luz; jamais pondera
Que não deve escapar da morte um dia,
E que há de ser então por Deus julgado.
Quem combate, ou destrói a rebeldia,
E a multidão sem número quebranta,
Outros, em seu lugar, eleva e cria.
Estes, porque são bons, Ele os levanta,
Mas aqueles, por maus são reduzidos
Às trevas e ao terror; ora os espanta,
Ora à vista de todos são feridos
Como tais, ímpios são, que se apartaram
De propósito, como seduzidos,
Por não ver o Senhor, que desprezaram,
Do qual fugindo, em tudo se esqueceram,
Que o clamor do indigente sufocaram,

Que aos pobres por maldade s'esconderam. Quem há que negue a paz, se Ele a concede? Que nações do Universo o conheceram? Se ele esconde o seu rosto, a luz impede, Ninguém mais o contempla; a iniquidade Dum povo castigando, Ele não cede, Faz do hipócrita selo da impiedade, Põe-lhe o cetro nas mãos. Eis o meu juízo, A respeito de Deus. Se por maldade Ou ignorância errei, não perde o siso Quem ama a corrupção; nada acrescenta. Sei calar-me também, quando é preciso. Se eu fui contigo a meu pesar violento, Porventura o Senhor te pede conta? Tu primeiro falaste, agora atento Se tens que produzir de melhor monta, Eu t'escuto. Sê probo, inteligente; É reto o juízo, se a vontade é pronta. Jó falou tão soberba e nesciamente, Que expressão foi o eco da doutrina. Meu pai (conclui) dum cego e renitente Não retires a mão que o examina, Prova-o, Senhor, até que enfim pereça. Blasfemando no horror da própria ruína, Confusão e remorso ao ímpio cresça; Ouça a voz do trovão, depois apele Para o Juízo de Deus e compareça.

CAPÍTULO XXXV

Eliú prossegue e diz desta maneira:

— Mais justo eu sou que Deus —, assim disseste;

E tens esta asserção por verdadeira?
Não te agrada o que é justo, o juízo é êste:
Se eu sou réu, que proveito te resulta?
Refutando os discursos que fizeste,
Agora eu te respondo: Embora, insulta
A mão, que te criou. Se a Divindade
Fosse às leis do Universo estranha, oculta,
Contigo aos teus amigos em verdade
Falando eu conjurara. Ao Céu levanta
Os olhos e contempla a claridade
Dessa abóbada azul, que enarra e conta
A glória do Senhor no Firmamento;
Responde: a imensidade não t'espanta?
És mais alto que o Céu? No agastamento
Da tua iniquidade os teus delitos
Que podem contra Deus? Não é violento
Transpor os marcos que nos são prescritos?
Demais, que podes dar-lhe? As mãos do justo
Acrescentam tesouros infinitos.
Tu podes empecer ao pranto e susto
Do infeliz, teu igual; tua impiedade,
Ou justiça é uma herança, que sem custo
T'investe, e te conduz à eternidade.
De calúnia oprimidos, lamentando
A força dos tiranos, que ansiedade!
Que terror! os mortais vão degradando!
Ninguém recorre a Deus, a criatura
Do próprio Criador fugiu, clamando,
Sem se lembrar de Deus; ninguém procura
Entoar as canções, que a noite inspira.
A mão que fez o dia, a noite escura
Também cobriu de horror; Ela nos tira

Da inércia, sobre tudo que é vivente, Sôbre as
aves do Céu; furor, nem ira Ilustra, pode mais que
a chama ardente Do instinto, e da razão. Se
despertarem Um dia, hão de invocar o
Onipotente; Quanto mais à soberba se
entregarem, Tanto menos serão de Deus
ouvidos; Mas aqueles, enfim, que o invocarem
Dizendo: Ele não vê, de teus sentidos Julga tu
mesmo diante d'Ele, espera — Nem por isso hão
de ser logo punidos. Deus a causa de todos
considera; Desata o seu furor, quando é preciso.
Portanto, abrindo a boca, Jó pondera Razões que
foram só dignas de riso. Desacordo em falar é só
loucura, E prudência o saber falar com juízo.

CAPÍTULO XXXVI

— Eu m'explico melhor, sofre-me um pouco; As
razões que te expus, acrescentando, (Continua Eliú
cansado e rouco) Eu pretendo provar, de Deus
falando, Que o meu Pai e Senhor é justo e reto. O
discurso outra vez recomeçando Em verdade, sem
mancha d'indiscreto Farei ver, que a ciência é
consumada, Quando é solido o juízo e são o objeto.
Por ti mesmo esta idéia comprovada Deixa ver que a
ilusão do Poderoso Sustum no trono os reis, exalta o
nobre;

Esse os vê manietados, arrastando Os grilhões da
pobreza; lhes descobre A opressão que fizeram;
recordando O que devem fazer, os repreende,
Envolvida no horror a luz mostrando. Se obedecem à
risca, Ele os defende, E descansam em paz, de glórias
cheios; Mas quando nenhum deles se arrepende, Ele
os deixa passar à espada, os meios Correspondem aos
fins. Ele os entrega À loucura, ao remorso, a mil
receios, Que à maldade conduzem, triste e cega.
Traidores dobres, vãos, dissimulados, Dos reis o
coração jamais sossega; Contra si provocando
desvairados A vingança de Deus, gemendo aflitos Em
ferros, em silêncio, amargurados Nas procelas e
horror de seus delitos Acabam de repente. O bando
informe Da injustiça, ou de males infinitos, A
privação, esse monstro, vício enorme De reis
afeminados, vão seguindo Após os reis. Por mais que
se conforme O vício com a ilusão, a angústia abrindo
O clarão da verdade, o pobre exclama!... E Deus, a
voz do angustiado ouvindo, Da angústia o salva,
porque Deus não ama, Nem permite, o que é injusto
e temerário: A abundância co'a paz Ele derrama.
Sempre justo e fiel, nunca arbitrário, Como um ímpio
te julga, e tu ganharas O juízo como réu, não sendo
vário.

Oprimindo a virtude, perpetraras
Um crime inda maior, fora baixeza,
Se a receber sem dar tu t'inclinaras.
Reprime, pois, o orgulho da grandeza,
A força abate, os fortes atropela,
Reprimindo o valor, mas sem tristeza.
Não dilates a noite, pois quem vela
Sobre as ondas, previne a tempestade;
Quem receia, de longe se acautela.
Vê, não tombes no horror da iniquidade.
Se a miséria te abriga, a ura Deus constante,
Sublime em fortaleza e majestade,
A um Deus que é sem igual, nem semelhante,
Recorre; Ele é fiel, só Ele forte,
Firme e sábio nas leis; a cada instante
Seus arcanos se ocultam de tal sorte,
Que ninguém lhe dirá: — Tu cometeste
Injustiça, retendo ou dando a morte.
Ora dize-me, tu compreendeste
Os mistérios, que os homens decantaram?
Quando tu vês a abóbada celeste,
Vês do artífice as mãos que a fabricaram?
Todos nós o Arquiteto conhecemos,
Mas quem o vê de perto? As mãos declaram
Pelas obras, que é grande; e poderemos
Contar os anos seus, quando Ele excede
As grandes maravilhas que nós vemos?
Sobre as águas domina, a chuva impede,
Solta, quando lhe apraz, grossa torrente,
Que das nuvens tombando, como a rede
Que tudo cobre, as frutas e a semente
Alaga. Ele bem pode, sacudindo

Centelhas, dardejar co'a mão rubente;
Co'a própria luz relâmpagos abrindo,
Erguer um pavilhão de nuvens; pode,
Os pontos cardeais do Céu cobrindo,
O oceano toldar. Quando Ele acode
Co'o sustento aos mortais, quando Ele esconde
Nas suas mãos a luz; quando sacode
O facho da contenda; aos maus responde,
E manda a luz de novo que apareça.
Descobre o justo, porque o ama, aonde
Pode achar, o que é seu faz que o conheça;
Que das trevas fugindo, a luz o ampare,
Que entre em posse da herança, e que floresça

CAPÍTULO XXXVII

Inquieto o coração no peito bate!...
De seu poder a idéia me horroriza!
Escuta o som terrível do combate!...
Eis a voz do trovão, que se desliza,
Sai da boca de Deus. Grandes da terra,
Ouvi, tremi... Se o eco atemoriza,
Que horror não vem do raio, que ele encerra!
Tudo abaixo do Céu, Ele examina,
Do relâmpago a luz desfaz, desterra
As sombras do Universo. Ele domina
Sobre a voz da grandeza; trovejando
Após Ele o terror, e o eco ensina
O ruído da voz. De quando em quando
Ela soa e ninguém a compreende.
O ribombo das serras atroando,
Maravilhas de Deus o eco aprende,

Que Ele é grande, insondável, reconhece.
Manda a neve que tombe, ela se estende
Sobre os campos; a chuva lhe obedece;
Desprende aluviões, põe selo a tudo;
E o malvado a si mesmo se envilece;
Tudo à voz da tormenta é quedo, e mudo.
Sopra o vento do Arcturo enregelado;
Busca ao frio o calor, ao medo escudo
A fera no covil. E' gelo o prado,
A um assopro de Deus a fonte é gelo;
Que de frio em torrentes derramado
Se derrete e desfaz. Na espiga o grelo
Da seara co'as nuvens alegrando
Reparte ao camponês co'a luz desvelo.
As nuvens tudo em torno alumiando
A vontade lh'espreitam e obedecem.
Um leve aceno seu aproveitando,
Sobre a terra, que é sua, as nuvens descem.
Seja tribo estrangeira, em qualquer parte
De seu gosto e vontade, se esclarecem.
Ouve, ó Jó, maravilhas, que reparte
A mão do Onipotente, considera
Contigo mesmo... E podes tu desfarte
Saber o que em si mesmo Ele pondera,
Quando à chuva mandou que descobrisse
De seus raios a luz que aparecera?
Porventura houve mão que dirigisse
Das nuvens a vereda? Ou regulando
A sua inteligência ao menos visse
O grau de perfeição? Calor mais brando
Ou mais forte o vestido não te aquece,
Do meio-dia os ventos assoprando?

Ou tu formaste o Céu? Não te parece Que é de bronze
essa abóbada azulada? A quem deves a luz quando
amanhece? Ora dize: a razão se é demonstrada,
Envolvidos em trevas nos achamos, Nem sequer para
nós foi destinada. Que devemos dizer-lhe? Se falamos,
Haverá quem lho diga? Morreremos Oprimidos do ar
que respiramos. Agora não há luz, e o que nós vemos
É que as nuvens, a esfera condensando, De repente ela
passa a dois extremos; Porque o vento a borrasca
dissipando, Descobre e traz a luz. A claridade Vem do
norte, as estrelas cintilando, Do norte o ouro vem, do
Céu verdade. Louvemos com temor, constância e zelo
O grande, o forte, o justo; em majestade Quem pode
ouvir-lhe a voz, ao menos vê-lo? Compreendes quem
é, sendo inefável? Os homens só de ouvir devem temê-
lo, E' um Deus terrível, pronto e inexorável; Nem os
sábios do mundo ao menos podem Contemplar quem é
Deus, sendo Ele amável.

CAPÍTULO XXXVIII

Sai dum vórtice a luz que a voz esconde; Geme o ar no
estampido retumbando; E deste modo o Senhor
responde: — Quem é este, que fala, misturando;
Responde agora tu, primeiro dando

À fraqueza o que é seu. Quando eu lançava
Da terra os fundamentos, quem me ouvia?
Aonde estavas tu, quando eu falava?
Viste a mão do Arquiteto que a media?
Sabes tu como ou quando se formaram
As bases, em que ponto se firmaram?
Quem à pedra angular deu firme assento?
Quando os astros louvores m'entoaram,
Ao romper da manhã, no firmamento,
Quando em júbilo os anjos me renderam
Culto, glória, louvor, acatamento,
Quem pôs diques ao mar? Que forças deram
Equilíbrio, atração ao mar furioso,
Quando as águas a um centro reverteram?
Em faixas infantis eu o envolvia,
Pus-lhe como um ferrolho sonoro,
Que das ondas o termo prescrevia;
Encerrei-o e lhe disse: — Chega, e pára,
Daqui nem mais um ponto. — O mar bramia,
Quando as tímidas ondas encerrava
Nos limites da terra. Prescreveste
Um ponto à Aurora, quando a luz prepara
Os rubis no horizonte? Ou tu nasceste,
E depois regulando a luz d'Aurora,
A estrela da manhã circunscreveste?
Lançaste a mão robusta e vingadora
Sôbre as orlas da terra, que abalada
Os ímpios arrojou do seio fora?
Como em barro a figura foi gravada,
Não se pode abolir; é permanente
Como um vestido. À força quebrantada
Nem a luz da razão é transcendente.

Dos ímpios o poder num ponto expira,
Aos ímpios tudo acaba de repente.
Quem é que pode quebrantado a ira
Das ondas passear no abismo escuro?
Do horror do inferno a entrada a quem se abriira?
A quem o lago tenebroso, impuro
Se abriu? Responde: tu consideraste
A terra desde o Arcturo até o Arcturo?
Ensina-me, se podes: tu sondaste
Os arcanos da luz? Um ponto às trevas,
Como centro da noite, assinalaste?
E tudo ao seu lugar conduzes, levas?
Entre os fâmulos teus de tudo sabes?
Sentes ainda as sensações primevas,
Ou tens, por ver a luz, de que te gabes?
Precedeste ao teu próprio nascimento?
Mediste o curto espaço em que tu cabes?
Podes dar a razão do ar, do vento?
Os tesouros da neve descobriste,
Ou da saraiva tens conhecimento?
Tudo eu tenho nas mãos, tudo me assiste
Para o dia guerra, ou da vingança.
Como a luz se difunde; como é triste
A terra sem calor; como a lembrança
Os objetos produz e a terra sente
O calor, que se espalha, o juízo alcança?
Quem derramou das chuvas a torrente,
Dando espírito e força à tempestade?
Quem deu rumo ao trovão e ao raio ardente?
Quem fez cair a chuva em quantidade
Nos desertos aonde é um vácuo a vida?
Não remoça o calor, a atividade,

Depois da inundação? Ou destruída
A terra, não produz, não reverdece?
A abundância em que seio foi nascida?
Quem as sombras formou, quando escurece?
Donde nos vem o orvalho, a chuva, o gelo?
Buscando a solidez, não se endurece
O ar em gotas d'água? O caramelo
Não cobre a superfície, que apertando
Da terra os poros, põe no abismo o selo?
Tu revolves o Céu, como ajuntando
Das Plêiades a luz, que o Touro adorna?
Ou do Arcturo as estrelas regulando
Lhe prescreves o giro? A luz que entorna
A estrela da manhã, de ti procede?
Ou é teu o esplendor, quando ela torna
Co sereno da noite? A mão qu'impede
No zodíaco o espaço rutilante,
Sem que a zona dos trópicos se arrede,
Tu podes regular? No teu quadrante
Dás a razão do Céu? Ou tu desatas
Do relâmpago o raio crepitante,
E das nuvens abrindo as cataratas
Ordenas, e o dilúvio te obedece?
Talvez por bocas relatando ingratas,
A própria natureza reconhece
Que do mundo sensível no intervalo,
Quando a luz no horizonte resplandece,
Dando aos homens ciência, instinto ao galo,
Tu foste autor de tudo? Esta harmonia
Do Céu tu podes descrever? Privá-lo
Da luz tu podes? Quando se fundia
O pó na terra, que em torrões se amassa,

Era o tempo, a estação ou quente, ou fria? Oculta no covil, de presa escassa, Nas cavernas a leoa, quem sustenta De seus cachorros a faminta raça? Quem do corvo os filhinhos alimenta? Da fome ao impulso vagueando grasnam, Reconhecem a mão, que os aviventa.

CAPITULO XXXIX

Tu sabes quando sobre a rocha dura
Pare a cabra montes? Ou tu já viste
Quando parem os corvos? Porventura
Contaste os meses, em que o parto assiste
Ao fruto da prenhez? Rugidos dando
No aperto e confusão d'estado triste,
O da espécie calor multiplicando,
As mães se curvam, quando as crias nascem,
Que ao mesmo tempo as mães abandonando,
Assim que vêm a luz, na relva pascem.
Quem ao asno montes livrou do aperto,
E fez que os seus grilhões espedaçassem?
Quem lhe deu receptáculo no deserto
E sustento no chão, que era infecundo?
Não quer paz co'as cidades, nem concerto,
Despreza a multidão, que aloja o mundo,
Os gritos do Exator despreza, olhando
Em roda os montes, desce ao mais profundo
Dos vales, a verdura procurando,
A pastagem, que é sua. Experimenta,
Vê se as feras nos montes apanhando,
— Eis, um rinoceronte se apresenta:

Tu podes entre os bois ao jugo atá-lo? Ou se preso à charrua te acrescenta, Ou alimpa o suor; nesse intervalo Vê se à força do bruto se estorroa O vale após de ti; podes deixá-lo, Supondo, mesmo, que a confiança é boa, Incumbido do amanho, ou da semente? Mal fundada esperança murcha, e voa, Nada tem o avestruz, que se acrescente Co'as penas do falcão, nem da cegonha. Quem há que os ovos seus cobrindo aquece, Ou gradue o calor? Não se envergonha De expô-los à irrisão, porque não teme A força nem dos pés, nem da peçonha. Desconhece o que é seu; cruel não geme Co'a desgraça dos filhos, trabalhando Debalde, ensina a revestir, não teme; Porque Deus esta raça procriando, Além do instinto nada mais lhe dera. Quando é tempo, nas asas remontando O vôo às nuvens, zomba, se apodera Do espaço, onde não chega o cavaleiro. Quem deu brio ao cavalo? Ou quem pudera Seu colo ornar de rincho lisonjeiro? Quem o impulso lhe deu, que airoso imita No salto ao gafanhoto, que é rasteiro? O seu fogoso respirar excita Glória e terror; seu casco a terra escava, Brioso corre às mãos de quem o irrita; Salta, avança, acomete e quando escava Do medo a força empunha o ferro, a lança; Bravateia espumando; o escudo, a aljava

Ruidosos tremem; quando rincha, avança
O ferro mastigando, o pó sorvendo
No espaço, onde o clarim desprende a trança.
Acode ao som, furioso rebatendo
O susto... Como que esta voz ressoa...
— Vah! que a guerra de longe o ar enchendo
De alarido e de horror furiosa atroa...
Exportando dos chefes a firmeza,
Já do exército a fúria o chão povoa. O falcão tem
nas asas a defesa, Renovam-se ao calor do meio-
dia, Porque ele abrindo as asas, não despreza O
vento austral. És tu quem concilia Das aves o
calor? És tu que ordenas Ou elevas a mão, que as
águias cria? Seus ninhos formam, quando vão
serenas Ao mais alto da rocha alcantilada; Nas
pedras moram, vêm do cimo as penas Cobrindo a
encosta d'ingreme e escarpada Grimpa, que vai ao
Céu. Dali soltando Avista ao longe, a presa
desgarrada De repente nas garras apanhando;
Ensangüenta os cadáveres que arrosta, Dos
filhinhos o bico ensangüentando. Acrescenta o
Senhor, como em resposta:
— Quem disputa com Deus, tão facilmente
Aquiesce e não fala? Ou te desgosta
O que acabas de ouvir? Tu foste argüente, Deves agora
defender-te, fala. Jó responde ao Senhor: — Um
delinqüente Que tem de produzir? Fazendo gala

D'expressões insisti, falei; agora, Tapando a boca,
a minha voz se cala. Se eu fora mudo, mais
humilde eu fora. Nada mais acrescento; a
leviandade Irrita os males seus, nunca os melhora.

CAPÍTULO XL

Sem que o vórtice um ponto descobrisse
Do centro, a luz desfez de todo o engano;
Respondendo o Senhor a Jó, lhe disse:
— Precinge os lombos teus, ó fraco humano!
Responde, eu te pergunto: Foi baldado
O meu juízo talvez, ou por tirano
Serei por ti, que és justo, condenado?
Se tens o braço meu, se trovejando,
Como eu trovejo, a luz te cinge o lado;
De glória, formosura ataviando
A face, te reveste; e te atavia
De pompa e de esplendor; dos Céus olhando
Sôbre a terra, confunde a rebeldia
Dos soberbos do mundo. Um ar somente
De teu furor quebrante, aterre um dia
A arrogância dos ímpios. A torrente
S'esconda, ou se devolva ao pé da terra.
Debalde o ímpio no sepulcro intente
Perguntar: Quem é Deus? Se tanto encerra
A destra tua, então há de salvar-te.
Pascendo como boi, não teme a guerra
Beemot; o monstro assim pode igualar-te,
Das minhas mãos também foi criatura;
Reflete bem, não queiras enganar-te.

Dos rins a fortaleza lhe assegura
O vigor, que no embigo representa;
Da cauda a solidez é firme e dura
Como o cedro; os testículos aumenta
Enlaçada porção de nervos grossos,
Por onde força ao fluido se acrescenta.
Rijas canas de bronze tem por ossos,
Por cartilagem lâminas de ferro;
É o princípio da luz. Velhos e moços
Tremem da espada, que castiga o erro.
Retouça junto dele a massa informe
Dos outros animais; não mostra aferro
Da pastagem na espécie. À sombra dorme
De verde canavial, como escondido;
De pântanos erguendo o vulto enorme,
Rodeado de sombras, defendido,
Topeta co'os salgueiros da torrente.
Absorve um rio inteiro, e prometido
(Sem excesso) ele tem que um dia a enchente
Do Jordão absorvida pela boca
Beemot há de esgotar. Como a serpente
Que aos olhos salteando a luz sufoca,
Assim o anzol um dia há de apanhá-lo;
E a cartilagem do nariz, que é oca,
Um pau furando, pode sufocá-lo.
E porventura a Leviatã prendendo
A língua, poderás talvez ligá-lo?
Pondo-lhe argola no nariz, sustendo
Na queixada um anel, conseguirias
Talvez prendê-lo? Porventura erguendo
A ti clamor e queixas, lhe ouvirias
De meigas preces incessante apuro?

Ou talvez como escravo o obrigarias A um concerto feroz, violento, e duro? As escravas farão divertimento, Brincando à mão c'o pássaro seguro? E dele zombarás? Por mor tormento Os teus amigos, negociando a pele, Em troços partirão o tegumento? Com ela às redes dando, farão dele Irrisão, co'a cabeça enchendo a nassa? Se tu não temes que o teu sangue gele, Põe-lhe a mão, não duvides; se à desgraça Da guerra, sem falar, os olhos lanças, Em silencio, verás que a luz escassa Do abismo há de sorver tristes lembranças; Que todos o verão precipitado No golfão de baldadas esperanças.

CAPÍTULO XLI

— Seguro e livre eu posso despertá-lo; Ao meu semblante quem resistiria? Deu-me alguém o poder? Houve intervalo Entre a voz e o clarão que a luz abria? Tudo abaixo do Céu me está sujeito, De mim depende a luz, a noite, o dia; A quem na terra guardarei respeito? Compostas expressões baldadas foram, Nem da súplica o tom me fora aceito. No seu vestido ocultas se demoram, D'intrínseca rigez a qualidade, Rugas ou manchas, que jamais descoram. Quem abre ou rompe a densa escuridade

Qu'envolve o rosto seu? Nos dentes gira
Fortaleza, terror, raiva profunda.
O seu corpo é um compacto, que respira,
Escamosa fusão de apinhoados
Escudos, que a matéria comprimira;
Tão fortes, uns aos outros tão ligados,
Que nem sequer o ar entre eles passa,
Nem podem ser do todo separados.
O seu espirro é fogo que ameaça,
Cintila, como as pálpebras d'aurora,
A luz dos olhos seus. Desembaraça,
Soltando em fio pela boca fora,
De achas de fogo alâmpadas ardentes.
Pelos narizes férvido evapora
Fluido incendiado; túmidas, ferventes
Chamas da boca o hálito assoprando,
Incendeia o carvão; como pendentes
Fortaleza e vigor seu colo ornando,
Vão sempre diante dele a fome, o ruído.
Os membros do seu corpo entrelaçando,
O todo é tão conjunto, e guamecido
De força e rigidez, qu'impenetrável
Ao raio nem se move. Endurecido
Como a pedra, no seio invulnerável
Resiste o coração, como a bigorna
Ao malho do ferreiro inalterável.
Quando o monstro se eleva, ou quando entorna
Das fauces o terror, os Anjos tremem
Buscando o espaço, que a pureza adorna.
Nao resiste a couraça, escudos gemem,
Lanças, espadas, tudo retrocede;
Julgarás mesmo que os metais o temem.

Tão leve como a palha, as forças mede
Do ferro; ele reputa corruptível
A matéria do bronze. O ar impede,
Quando a seta o procura; e se é possível,
Torna as pedras em palha, quando a funda
Carrega o ar de força irresistível.
O malho é como a aresta, qu'infecunda
Ele atira no chão. Vibrar a lança
É matéria de riso. O espaço abunda
De luz por baixo dele. Essa abastança
D'ouro a terra produz, ele o despreza,
Pisando como em lodo, ao nada o lança.
Agita e põe do mar a redondeza
Em tal efervescência, que arrojando
A matéria do fundo em globo acesa
Imita o óleo que s'inflama. Olhando
Após ele, as pegadas resplandecem;
E co'as forças do abismo relutando
As vagas espumosas encanecem.
Não há na terra monstro semelhante;
À vista dele os outros estremecem.
As alturas descobre, e vigilante,
Este chefe dos filhos da soberba
É tão falso e cruel, como arrogante.

CAPÍTULO XLII

Responde Jó: — Senhor, eu Te confesso Tudo é teu,
nem sequer um pensamento Te é oculto. Senhor, eu
bem conheço Quem é este, que sem discernimento
Inverte e oculta o que o conselho exprime.

Ah! perdoa meu néscio atrevimento; É virtude o
temor, o excesso é crime. Não te negues agora a
responder-me; Eu te ouvi simplesmente; é mais
sublime E clara sensação reconhecer-me
Humilhado a teus pés, e arrependido Confessar o
que fui, repreender-me. Confundiste o meu nada;
reduzido A cinza e pó que sou, mereço a morte;
Fui néscio em me queixar, fui atrevido. Eis o
Senhor, falando desta sorte A Elifaz de Tema: —
Vós proferistes O que era injusto; sentireis mais
forte O poder do meu braço; resististes À
impressão da virtude; desprezastes O meu servo
fiel, porque mentistes; Tu, e os amigos teus,
assim falastes. Tomai agora pois sete carneiros, E
tours sete, já que maltratastes A Jó, meu servo;
sem demora, inteiros Nas chamas do holocausto
oferecidos, Expiai vossos crimes. Os primeiros
Votos do servo meu serão ouvidos, Ele há de orar
por vós. Eu inclinando A minha face a Jó, como
esquecidos Vossos crimes serão; de mim falando,
Jó profere a verdade. — Conheceram O seu erro
os amigos; e aplacando A ira do Senhor assim
fizeram, Como há pouco o Senhor lhes ordenara.
As súplicas de Jó o enterneceram A pró dos réus.
Enfim suspensa a vara

Da justiça, o Senhor a Jó premeia.
Dando-lhe em dobro quanto lhe tirara.
Respira o justo, aperta-se a cadeia
Do sangue e da amizade; concorrendo
Os irmãos e os amigos, como a cheia
Qu'inunda os vales, quando vai crescendo:
Co'a desgraça os amigos se perderam,
Mas após a fortuna renascendo,
Comem de novo o pão que já comeram.
Os males já passados consolando,
Os seus amigos outra vez vieram;
E ante Jó as cabeças inclinando,
Um lhe of'rece uma ovelha, outro lhe of'rece
Uma arrecada d'ouro. Abençoando
Deste modo o Senhor a Jó, parece
Mais feliz do que foi. Só de camelos
Seis mil depois contava. E quando acresce
Ou assoma a tosquia, os brancos velos
Quatorze mil ovelhas forneciam:
De mil juntas de bois, na forma belos,
Robustos abegões se abasteciam;
Mil jumentos contava. E procriando
A prole sua, quando à luz saíam,
Entre todos dez filhos educando,
Sete varões, três filhas, que ele amava:
—Cornustíbio — a terceira nomeando,
—Cássia — a segunda, e — Dia — se chamava A
primeira. Jamais houve lembrança
De mor beleza, nem se reputava No mundo haver igual.
Deu-lhes herança, Conforme aos filhos cabe. Entre os
humanos, Depois disto, por cálculo se alcança

Que Jó vivera cento e quarenta anos; Que
viu a quarta geração já velho, E por fim
descansou livre de danos.

FIM



Depois disto, por cálculo se alcança Que Jó
vivera cento e quarenta anos; Que viu a quarta
geração já velho, E por fim descansou livre de
danos.

Jó, XLII

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)